

IGHOR THADEU SILVA OLIVEIRA

**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM ORGANIZAÇÕES COLETIVAS
E AS INFLUÊNCIAS PARA SUAS IDENTIDADES DE GÊNERO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

O48p
2018

Oliveira, Ighor Thadeu Silva, 1991-
A participação das mulheres rurais em organizações
coletivas e as influências para suas identidades de gênero / Ighor
Thadeu Silva Oliveira. – Viçosa, MG, 2018.
x, 88 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Texto em português e espanhol.

Inclui apêndices.

Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Mulheres do campo. 2. Socialização. 3. Identidade de
gênero. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Economia Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão
Rural. II. Título.

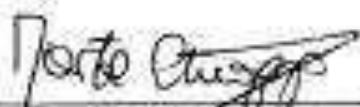
CDD 22. ed. 305.42

IGHOR THADEU SILVA OLIVEIRA

**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM ORGANIZAÇÕES
COLETIVAS E AS INFLUÊNCIAS PARA SUAS IDENTIDADES DE
GÊNERO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de junho de 2018.



Marta Beatriz Chiappe Hernández



Pedro Eleutério Carricart



Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Orientadora)

Dedico esta dissertação a minha
mãe e a todas as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Há um provérbio alemão que diz: “O diabo mora nos detalhes”. E uma dissertação como esta contém seus diabos. Felizmente, Deus colocou alguns anjos em meu caminho. Por isso, primeiramente agradeço a Deus pela força que me foi dada nos momentos de angústia e ansiedade vivenciados no período de mestrado. Agradeço também a minha família e amigos que foram minha base de sustentação e motivação para seguir adiante. A minha mãe, Maria Raquel, pelo carinho e amor dedicado em minha formação. A meu pai, Ednilson, pelo exemplo dado em perseverar e trabalhar duro no dia-a-dia. A Sílvia Paula, minha namorada que sempre me apoiou, suportou e incentivou ao longo de toda esta caminhada.

Também agradeço a professora Nora Presno (*in memoriam*), que me proporcionou a oportunidade de realizar meu estágio no Instituto Plan Agropecuário do Uruguai, onde se iniciou a motivação para esta pesquisa. Ela não pôde ver o resultado final deste trabalho, mas fez parte de todo o percurso. Agradecimento mais que especial para Ana Louise, minha orientadora que tão amavelmente me emprestou seus ouvidos e sua sabedoria para que eu pudesse colocar todos os pequenos detalhes nos lugares certos.

Agradeço também aos colegas do Gerar, nosso grupo de estudos que tanto me aportou conhecimentos, e me formou pesquisador. A Alejandra Volpe, Checu Mena e Sebastian Mariott pela amizade construída ao longo de minha pesquisa de campo. A Hortecia Cabrera e Coco, que me receberam como membros de sua família, me dando o suporte necessário para me deslocar no campo uruguaio e realizar esta pesquisa. A Teresa Rodriguez, técnica de Gestão Agropecuária da Estação Experimental da Faculdade de Agronomia de Salto – Uruguai, por me acolher no Uruguai e estar sempre disposta a me ajudar no que fosse preciso.

Aos companheiros de alojamento Amaranto Alvez e Fabian Machado pelos momentos de alegria que compartilhamos no Uruguai. Ao Engenheiro Agrônomo do Instituto Plan Agropecuario Marcelo Ghelf por me receber no Instituto com portas abertas, compartilhando sua vasta experiência, conhecimentos e me dando liberdade para a execução das atividades propostas.

A Universidade Federal de Viçosa por me proporcionar a oportunidade de me formar um pesquisador. A todos os docentes, técnicos e funcionários do Departamento de Economia Rural. A todos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Extensão rural pela amizade e companheirismo. Ao CNPq pelo apoio financeiro que tornou possível a realização desta pesquisa. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho e que fizeram parte da minha formação, deixo o meu singelo e muito obrigado.

*Não há mais saber nem menos saber: há
saberes diferentes.*

Paulo Freire

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é
realidade.*

(Raul Seixas, Prelúdio)

RESUMO

OLIVEIRA, Ighor Thadeu Silva, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2018. **A participação das mulheres rurais em organizações coletivas e as influências para suas identidades de gênero.** Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Esta pesquisa procurou analisar de que forma a participação de mulheres rurais em organizações coletivas, pode contribuir para a construção de novas identidades de gênero. A pesquisa bibliográfica realizada permitiu estabelecer conexões entre diferentes conceitos que auxiliaram na compreensão da constituição da identidade de gênero no mundo atual. Percebeu-se, através da pesquisa bibliográfica, que na modernidade, a força de instituições socializadoras marcadas por valores tradicionais, como a religião, a escola e a família burguesa, perderam a sua força modeladora, flexibilizando as possibilidades de manifestações identitárias, advindas de agentes marcados por *habitus híbridos*. A participação em organizações coletivas se constitui em uma forma de conectar os indivíduos a grupos, que extrapolam o seu círculo de relações mais próximo, na família e na comunidade, proporcionando-lhes vias de acesso a novas informações e recursos. Percebeu-se a Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias como um sistema complexo de relações organizadas, que conecta organizações coletivas em torno de valores, objetivos e projetos comuns voltados para o empoderamento da mulher rural por meio de um isomorfismo normativo que reflete na capacitação de suas integrantes. O estudo foi realizado com a aplicação de 127 questionários com mulheres rurais que integram a rede e visou obter indicadores para a elaboração de perfis conservadores e progressistas de identidades de gênero. Verificou-se que a participação na rede permitiu as mulheres manifestarem aceitação e legitimação em relação a valores e práticas que podem ser classificadas como progressistas pela literatura científica. Constatou-se que a identidade de gênero das integrantes da RedMu manifesta não somente a permanência de uma condição socioeconômica construída na socialização primária, como o nível educacional alcançado, a religião e as práticas laborais advindas dos direcionamentos dos pais, mas, manifesta, também, uma visão social de mundo ancorada em valores que refletem a tolerância e o respeito a um modelo de identidade de gênero perpassado por práticas intensamente

debatidas na sociedade uruguaia, como a legalização do aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do uso da maconha.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ighor Thadeu Silva, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2018. **The participation of rural women in collective organizations and the influences for their gender identities.** Adviser: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

This research sought to analyze how the participation of rural women in collective organizations can contribute to the construction of new gender identities. The bibliographical research carried out allowed to establish connections between different concepts that helped in the understanding of the constitution of the gender identity in the current world. Through bibliographical research, it was noticed that in modernity, the strength of socializing institutions marked by traditional values, such as religion, school and bourgeois family, lost their modeling power, making the possibilities of identity manifestations, marked by hybrid habitus. Participation in collective organizations is a way of connecting individuals to groups, which go beyond their closest circle of relationships in the family and community, providing them with access to new information and resources. The Network of Groups of Uruguayan Rural Women was perceived as a complex system of organized relations, which connects collective organizations around common values, objectives and projects aimed at the empowerment of rural women through a normative isomorphism that reflects the capacity of its members. The study was carried out with the application of 127 questionnaires with rural women who are part of the network and aimed at obtaining indicators for the elaboration of conservative and progressive profiles of gender identities. It was found that participation in the network allowed women to express acceptance and legitimacy regarding values and practices that can be classified as progressive by the scientific literature. It was verified that the gender identity of the members of RedMu manifests not only the permanence of a socioeconomic condition built in primary socialization, such as the level of education achieved, religion and work practices derived from the parents' a social vision of the world anchored in values that reflect tolerance and respect for a model of gender identity permeated by practices intensely debated in Uruguayan society, such as legalization of abortion, same-sex marriage and legalization of the use of marijuana.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO GERAL | 1 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 3 |
| ARTIGO I | |
| IDENTIDADES DE GÊNERO EM REDEFINIÇÃO: A SOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM ORGANIZAÇÕES COLETIVAS DO CAMPO. | 5 |
| Resumo | 5 |
| 1 Introdução | 6 |
| 2 Do sólido ao líquido: as concepções de construção de identidades de gênero. | 7 |
| 3 A participação como suporte para a reconstrução das identidades de gênero | 13 |
| 4 A reconstrução das identidades de gênero | 16 |
| 5 Considerações Finais | 19 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 19 |
| ARTIGO II | |
| ENTRE LAÇOS E NÓS UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA REDE DE GRUPOS DE MULHERES RURAIS URUGUAIAS..... | 22 |
| Resumo | 22 |
| 1 Introdução | 23 |
| 2 A REDMU sob diferentes perspectivas teóricas..... | 26 |
| 3 Procedimentos Metodológicos | 29 |
| 4 Resultados e análise dos dados..... | 30 |
| 5 Considerações Finais | 36 |
| 6 Referências Bibliográficas | 37 |
| ARTIGO III | |

| | |
|---|----|
| IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM MEIO A PARTICIPAÇÃO COLETIVA E COMUNITÁRIA: TECENDO A REDE DE GRUPOS DE MULHERES RURAIS URUGUAIAS..... | 42 |
| Resumo..... | 42 |
| 1 Introdução | 43 |
| 2 A Construção da identidade | 45 |
| 3 Procedimentos Metodológicos | 47 |
| 4 Análise dos resultados | 51 |
| 4.1 Fragmentos de uma Socialização Primária | 56 |
| 4.2 Matrizes de Identidades de Gênero Progressistas e Conservadoras | 59 |
| 5 Considerações Finais | 66 |
| 6 Referencias Bibliográficas | 67 |
| | |
| Considerações finais | 71 |
| | |
| APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 72 |
| APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO | 75 |
| APÊNDICE C – FOTOS PESQUISA DE CAMPO..... | 85 |

INTRODUÇÃO GERAL

O Uruguai é um país que desde sua origem se dedica à pecuária extensiva. O processo de modernização do campo se faz notar, na atualidade, dentre outros fatores, através da forte mecanização agrícola, sobretudo, na produção de cereais. Este forte processo de industrialização resultou em uma grande migração da população rural para áreas urbanas e na, conseqüente, reorganização das relações de trabalho. No contexto atual de diminuição dos trabalhadores permanentes e aumento dos trabalhadores sazonais, com baixo nível de qualificação, se encontram as mulheres (CHIAPPE, 2006). Assim, a partir da década de 1970 se fizeram notar, alguns projetos e planos governamentais que buscaram incluir a mulher rural na geração de renda e emprego, como por exemplo, o programa *Mujer y Desarrollo* (CHIAPPE, 2005). Tais projetos de intervenção do Estado na realidade vivida pelas mulheres rurais foi, também, influenciado pelo contexto internacional em que a temática acerca das relações de gênero no campo se via em expansão. Em 1975, no México, ocorre a primeira Conferência mundial sobre “mulher e desenvolvimento” e no mesmo ano, as Nações Unidas declaram Ano Internacional da Mulher.

Contudo, conforme ilustrado por Chiappe (2006), as políticas implementadas no Uruguai ainda continuam aspectos inerentes a uma cultura patriarcal, visto que os níveis de participação da mulher rural na esfera pública, no acesso aos recursos e na tomada de decisão permaneciam deficitários. Segundo a autora, as próprias mulheres não se viam como sujeitos nos projetos de desenvolvimento, pois percebiam a sua condição de beneficiadas passivas das políticas públicas, enquanto os homens detinham o status de chefes de família na condução da propriedade.

Assim, os debates acerca da realidade das mulheres no meio rural uruguaio se iniciaram, de forma lenta e gradual, na década de oitenta, quando com o apoio de organizações não governamentais, as próprias mulheres rurais começaram a se organizar em grupos para formular demandas, trabalhar em conjunto e buscar formas de superar as desigualdades existentes no campo (VITELLI e BORRÁS, 2016). Conforme descrito por Carricart (2012), a estrutura cooperativa é o modelo organizacional mais utilizado pelos produtores da região dos pampas para melhorar sua capacidade de negociação e participar do processo de formação de preços de produtos e insumos da atividade agropecuária.

Neste contexto, a Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias (RedMu) foi constituída no ano de 1991, como uma organização civil sem fins lucrativos, com o objetivo de criar espaços de interação social entre as mulheres rurais, diminuir seu isolamento social e lutar por melhores condições de vida para as mulheres no campo. Atualmente, a RedMu conta com a participação de duzentas mulheres rurais distribuídas em dezoito grupos coletivos: Gardel, Pedernal, Tapia, Las manos que hablan, Manos de Totoral, Manos del Uruguay, Milenrama, MTEA, Mucachi, Mucatra, Murumi, Mujeres Rurales de San Ramón, Marlef, Go y Sa, Mujeres Rurales de San José e Por un futuro mejor. Cada organização que integra a RedMu tem a sua própria dinâmica de trabalho, sendo, contudo, por ela auxiliada, através da promoção de eventos como palestras, seminários, oficinas e cursos de capacitação.

A motivação para a realização do presente estudo surgiu em 2015, ano em que o pesquisador realizou o seu estágio curricular obrigatório do curso de Bacharelado em Cooperativismo no Instituto Plan Agropecuário do Uruguai (IPA) e teve a oportunidade de conhecer a experiência de trabalho coletivo da Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias. A partir da entrada no Curso de Mestrado, o conhecimento vivenciado no período do estágio realizado no Uruguai pôde ter continuidade. A realização da presente dissertação teve por objetivo analisar de que forma a participação das mulheres rurais uruguaias em Grupos de Mulheres constituídos no campo, alicerça direcionamentos reflexivos e críticos à identidade de gênero de cunho conservador. A literatura sociológica que retrata a região dos pampas argentinos e uruguaio, as quais guardam muita proximidade cultural entre si, mostra que por volta dos anos 50 e 60 do Século XX, quando a maior parte das mulheres participantes da RedMur foi socializada primariamente, a identidade de gênero tinha valores muito tradicionais, impondo à mulher rural uma posição de invisibilidade, como ajudantes do homem nos afazeres da propriedade rural, Chiappe (2006), Bálsamo (2013), Pelulso (2013), dentre outros. Assim, este trabalho buscou, de forma específica, descrever as práticas vivenciadas pelas mulheres que participam da RedMu, considerando aspectos como intensidade e qualidade da participação, a fim de compreender de que forma esta socialização secundária construída na RedMu poderia se constituir em um referencial identitário de gênero para estas mulheres.

O marco teórico elaborado para investigação se baseou nos conceitos de socialização de Berger e Luckmann (1982), de identidades sociais e profissionais de Dubar (2005) e de identidade de gênero de Butler (2015). Tais conceitos, em conjunto, possibilitaram compreender a forma pela qual as mulheres rurais uruguayas têm construído suas identidades de gênero em meio a espaços de empoderamento individual e coletivo. A dissertação encontra-se, assim, organizada em três partes, elaboradas no formato de artigo. No primeiro artigo, realizou-se um mapeamento acerca das diferentes perspectivas teóricas acerca da socialização das mulheres rurais em organizações coletivas. No segundo artigo, buscou-se identificar a rede de sociabilidade da RedMu verificando sua densidade e ilustrando as principais atividades promovidas pela rede. Por fim, o artigo de número três procurou verificar se a participação em espaços socializadores híbridos como o da RedMu, proporcionou a suas integrantes direcionamentos mais progressistas acerca de suas identidades de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRICART, P. E. Cooperativas rurais e territorios na região pampeana argentina: transformaciones sociales, económica y organizacionales. **La Colmena**, 2012.

CHIAPPE-HERNÁNDEZ, M. Un camino colectivo de mujeres rurales hacia el desarrollo: la Asociación de Mujeres Rurales del Uruguay (AMRU). **Agricultura, sociedad y desarrollo**, v. 3, n. 1, p. 57-75, 2006.

BÁLSAMO, M. Microemprendimientos rurales y su repercusión en los roles familiares, desde una perspectiva de género. **Relaciones de género en el medio rural uruguayo: inequidades “a la intemperie**, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BERGER E LUCKMAN. **A construção social da realidade**. 9. ed. Petropolis: 1991.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: 2015, 2015.

VITELLI, R.; BORRÁS, V. Las mujeres rurales durante el período progresista en Uruguay: Avances y tropiezos. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 29, n. 39, p. 73-90, 2016.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais**. 1. ed. SAO PAULO: 2005, 2005.

PELUSO, I. Producción y reproducción en establecimientos ganaderos de tipo familiar. **Relaciones de género en el medio rural uruguayo: inequidades “a la intemperie**, p. 31, 2013.

ARTIGO I

IDENTIDADES DE GÊNERO EM REDEFINIÇÃO: A SOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM ORGANIZAÇÕES COLETIVAS DO CAMPO.

Resumo

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão teórica acerca do tema da socialização das mulheres rurais em organizações coletivas, explorando a capacidade de tais instituições, como espaços de apropriação de referências de gênero alinhados aos modelos observados na modernidade. A pesquisa bibliográfica realizada permitiu estabelecer conexões entre diferentes conceitos que auxiliaram na compreensão da constituição da identidade de gênero no mundo atual. Percebeu-se, através da pesquisa bibliográfica, que na modernidade, a força de instituições socializadoras marcadas por valores tradicionais, como a religião, a escola e a família burguesa, perderam a sua força modeladora, flexibilizando as possibilidades de manifestações identitárias, advindas de agentes marcados por *habitus híbridos*. Assim, inúmeras instâncias socializadoras e produtoras de valores pós-modernos tornaram possível a constituição de novas identidades de gênero.

Palavras-chave: mulher rural; socialização; identidade de gênero.

GENDER IDENTITIES IN REDEFINITION: THE SOCIALIZATION OF RURAL WOMEN IN COLLECTIVE RURAL ORGANIZATIONS.

ABSTRACT: This article aimed to carry out a theoretical review about the theme of the socialization of rural women in collective organizations, exploring the capacity of such institutions as spaces of appropriation of gender references aligned with the models observed in modernity. The bibliographical research carried out allowed to establish connections between different concepts that helped in the understanding of the constitution of the gender identity in the current world. Through bibliographical research, it was noticed that in modernity, the strength of socializing institutions marked by traditional values, such as religion, school and bourgeois family, lost their modeling power, making the possibilities of identity manifestations, marked by hybrid

habitus. Thus, innumerable instances of socializing and production of postmodern values have made possible the constitution of new gender identities.

Keywords: rural woman; socialization; gender identit.

1 Introdução

Em todo o mundo, as desigualdades de gênero no campo permanecem evidentes, seja no que diz respeito à propriedade da terra, à mobilidade, ao acesso ao mercado de trabalho e à diferenciação em termos de remuneração (GUPTA; SINGH, 2012). As normas socioculturais, aliadas às concepções tradicionais de gênero continuam a afetar a possibilidade das mulheres rurais de participar ativamente da esfera pública (MUDEGE et al., 2015). As organizações coletivas do campo se configuram como fóruns que atuam em prol da redefinição da organização social em âmbito local, ao buscarem ampliar o acesso das mulheres rurais a bens tangíveis e intangíveis. Múltiplas são as possibilidades e empecilhos existentes na ação coletiva empregada sob variadas formas por estas organizações locais (ONGs, sindicatos, partidos políticos etc.). Tais instituições, por suas especificidades, atuam como novos espaços de socialização para as mulheres rurais, pois lhes proporcionam ambientes de capacitação voltados para a modificação das relações de dominação as quais encontram-se submetidas no campo.

Este artigo teve como objetivo realizar um ensaio teórico a respeito da socialização das mulheres rurais em organizações coletivas, explorando a capacidade de tais instituições como espaço socializador capaz de influenciar na construção/assimilação de identidades de gênero mais alinhadas aos modelos da modernidade. Para tanto, busca-se nos conceitos de (BOURDIEU, 1982, 2007), (BERGER & LUCKMAN, 1991), (SETTON, 2011, 2002, 2005, 2014), (BAUMAN, 2001, 2005), (HALL, 2003), (DUBET, 1996), (DUBAR, 2005) e (BUTLER, 2015), extrair os aspectos mais significativos referentes à socialização secundária, visto que a mesma atua com potencial de redefinição de aspectos relativos à identidade social. Com base na revisão bibliográfica busca-se originalidade no enfoque, sem, contudo, pretender esgotar o tema. Assim, as concepções teóricas são apresentadas explorando as suas várias correntes interpretativas, desde a vertente

estruturalista, em que a socialização molda a identidade dos indivíduos de acordo com seu contexto, perpassando outros vieses interpretativos, de caráter mais construtivistas, baseadas na inter-relação indivíduo/sociedade para, assim, apresentar interpretações pós-estruturalistas a respeito da construção de identidades de gênero no mundo atual.

2 Do sólido ao líquido: as concepções de construção de identidades de gênero.

Desde o nascimento, tanto a mulher quanto o homem, estão submetidos a uma contínua influência de padrões socioculturais. As diferenças sexuais entre os indivíduos servem de parâmetro para instituir, ao longo do tempo, papéis e significados distintos sobre o que se espera socialmente de uma mulher e de um homem. Esses significados e papéis são assimilados pelos indivíduos em sua interação social na vida cotidiana, através de um conjunto de esquemas tipificadores, que auxiliam os sujeitos a apreenderem padrões nas situações cotidianas (BERGER E LUCKMAN, 1991). Tais tipificações, segundo os autores, tornam-se progressivamente anônimas, fazendo com que os sujeitos interpretem certos aspectos de conduta e personalidade como sendo padrões de determinada categoria, ou seja, ao tipificar uma mulher rural espera-se que ela apresente determinadas características sociais como a vocação maternal, a ajuda ao marido, a dedicação às atividades domésticas, familiares e religiosas.

A construção social das diferenças seria assim legitimada e perpetuada ao longo do tempo, através das relações sociais e das estruturas objetivas da dominação masculina. Ao analisar os esquemas inconscientes de percepção das estruturas históricas da ordem masculina, explorando as “categorias de entendimento” e as “formas de classificação” com as quais o mundo é construído, Bourdieu (2007) aponta que os atributos sexuais vêm sobrecarregados de determinações socioculturais, construídas de forma naturalizada. Inscritas nas coisas, a dominação masculina se assentaria também nos corpos por meio de imposições tácitas e implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos e privados. Ainda segundo o autor, a dominação masculina se estabeleceria através das estruturas sociais e das atividades produtivas e reprodutivas, com base em uma divisão sexual do trabalho que se expressa por

meio da “violência simbólica”, entendida como um meio de coação, econômica, social e/ou simbólica que consiste na fabricação contínua de crenças e ritos que se incorporam em um *habitus sexualizado*, induzindo os indivíduos a se posicionarem no espaço social segundo critérios cognitivos e coercitivos do discurso dominante.

O mundo social construiria, assim, o corpo como uma realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes (BOURDIEU, 2007). A diferença biológica, nesta perspectiva pode ser vista como justificativa naturalizada socialmente, o que permitiria se pensar em um *habitus sexualizado*. O conceito de *habitus* e de *campo* presente na obra de Bourdieu (1982) caracteriza a maior parte das ações dos agentes sociais como oriundas de uma junção entre um *habitus* e um *campo* socializador, sendo que em sociedades tradicionais, a construção do *habitus* se vê conformada por instituições forjadoras de valores, como a família, a escola e igreja, as quais atuam instituindo nos atores preceitos e padrões de comportamento que, de tão interiorizados, se apresentam como naturais no decorrer de sua socialização.

Para Bourdieu, a socialização atua, assim, como um condicionamento social que dá suporte à construção da subjetividade por parte do indivíduo. Ou seja, a socialização apresenta-lhe as estruturas estruturadas, que vão atuar como estruturas estruturantes, subsidiando as suas práticas e disposições para agir. Contudo, o *habitus* depende, em grande medida, da posição dos atores no espaço social, a qual pode mudar ao longo da sua vida. Assim, a noção de trajetória é fundamental para compreender o quadro de referências normativas de que ele dispõe para construir a sua subjetividade. Com base nesta concepção, depreende-se que o espaço social no qual as mulheres rurais e as instituições das quais fazem parte se encontram situadas atua como um campo composto por vários sub-campos relativamente autônomos, os quais fornecem-lhe referências para as suas disposições e práticas.

O *campo*, para Bourdieu (2007), se caracteriza como um espaço no qual as relações sociais se configuram e coexistem em meio à luta pelo domínio de diferentes capitais¹. A estrutura de um *campo seria* assim, formada pelas relações de força que nele se estabelecem, em função da distribuição desigual dos capitais. Tal configuração faz com que existam dominantes e dominados. Logo, o ‘poder’ de

¹ Capital social, financeiro, cultural, político, acadêmico, tecnológico, jurídico, organizacional, simbólico, etc. (BOURDIEU, 2007).

ação relacionado às mulheres rurais depende dos diferentes capitais por elas acumulados, os quais definem a posição por elas ocupada no seu campo de atuação. Mas o campo e subcampos que se configuram como o ambiente de socialização do indivíduo não são imutáveis. Pelo contrário, o agente se confronta com estruturas normativas que podem abrir perspectivas dissonantes para o indivíduo, abrindo brechas para as mudanças. Algumas situações podem favorecer este cruzamento entre os campos e subcampos que servem de referência normativa para o indivíduo, tais como: os deslocamentos geográficos, as alterações nas condições demográficas; as intervenções do estado por meio de políticas públicas e outras regulamentações, as quais podem modificar os modos de vida dos sujeitos sociais, (RAUD, 2007).

Nesta lógica de pensamento, os agentes teriam a sua agência delimitada pelo seu capital e pela posição que ocupam nos campos e subcampos nos quais encontram-se inseridos. A posição familiar na estrutura de distribuição dos diferentes capitais se apresenta como possibilidade para o estabelecimento das estratégias de ação e reprodução dos agentes. Pode-se, desta maneira, ilustrar o *habitus* tanto como um produto de condições objetivas, quanto pela impregnação de ações subjetivas oriundas da ascendência familiar. Com base nessa linha de pensamento a maioria das instituições sociais tradicionais acabaria por reproduzir a ordem social de forma naturalizada, assegurando a estabilidade das disposições individuais e a realidade coletiva. Decorre daí a minimização do poder de transformação dos agentes em face à supersocialização das estruturas sociais.

Decorre do exposto que a socialização das mulheres rurais ao longo da vida pode ser vista como um processo biográfico de assimilação das disposições sociais oriundas da sua classe, da família a que pertencem, assim como dos diferentes espaços de socialização dos quais participam, que, segundo Dubar (2005), expressam a “relação de causalidade histórica do passado sobre o presente”. Para este autor, a socialização se caracterizaria, assim, como um processo contínuo de construção e reconstrução da identidade, que permearia tanto o indivíduo quanto a coletividade. Ao longo deste processo de socialização do indivíduo, Berger e Lukmann (1991) apontam a existência de instâncias de referência primária relacionadas à criança, que atuam na apreensão dos *saberes básicos* e que lhe fornecem referências identitárias, a partir do contato com o grupo familiar e com a

instituição escolar, permitindo-lhe a elaboração de esquemas de percepção e de antecipação das condutas sociais. Nesta etapa, o processo de socialização é fundamentalmente reprodutor do mundo social, buscando integrar os sujeitos nas relações sociais de produção e reprodução existentes, (BERGER E LUCKMAN, 1991). A cultura do grupo de origem se incorpora na personalidade dos indivíduos e em seus esquemas de percepção e visão de mundo, moldando as suas práticas e estratégias de agência, configurando-se um *habitus primário*².

Já a socialização secundária pode ser caracterizada como qualquer processo que introduz os indivíduos já socializados em novos setores da sociedade, (BERGER E LUCKMAN, 1991). Esta fase da socialização é marcada pela incorporação do conjunto de regras e códigos institucionais presentes, principalmente, no universo do trabalho, os quais Dubar (2005) nomeia de *saberes profissionais*. Para o autor, a socialização secundária se caracteriza como um processo mais racional e intencional de interiorização dos conhecimentos institucionais presentes na vida adulta. Estes processos sociais se estabelecem por meio de diferentes instituições, e no que se refere ao campo, pode-se destacar a presença de variadas organizações coletivas que atuam nas esferas produtivas, sociais e políticas. Neste sentido, ainda segundo o referido autor, a socialização secundária de mulheres rurais em instituições coletivas do campo lhes permitiria assimilar valores institucionais como a autogestão, a cooperação e a autonomia, que poderiam agregar novos referenciais de mundo aos já incorporados.

Por este ângulo, a socialização secundária poderia impactar a socialização primária na medida em que as identidades 'anteriores', construídas na socialização primária, se tornassem conflituosas com as identidades 'construídas' pela socialização secundária no ambiente do trabalho (BERGER E LUCKMAN, 1991). As mudanças geradas pela socialização secundária pressionariam os indivíduos a reconstruírem as suas identidades para se adaptarem a um novo conjunto de regras sociais. Ao longo do processo de socialização secundária ocorreria um embate entre os códigos interiorizados na socialização primária em face aos novos códigos apreendidos durante a socialização no mundo do trabalho. Na perspectiva de Berger e Luckman (1991), a sociedade se caracterizaria por ser uma realidade objetiva e subjetiva, sendo entendida como um processo dialético de exteriorização,

² Referente ao *habitus* construído nas primeiras etapas da socialização, sendo em grande medida percebido como um *habitus de classe*.

objetivação e interiorização. Esta perspectiva confere importância ao sujeito na produção, reprodução e transformação do social, atribuindo-lhe maior autonomia e liberdade reflexiva.

Já Dubet (1996) reflexiona sobre a noção de experiência, argumentando que as condutas coletivas e individuais não apresentam a unicidade outrora vista nas sociedades tradicionais, sendo marcadas na contemporaneidade por princípios de ação e orientação plurais. Sem tal unicidade, as lógicas de ação dos sujeitos modernos não seriam fixas, exigindo uma capacidade de 'ação reflexiva' na construção coesa de sua experiência. A socialização das mulheres rurais, nesta lógica de pensamento, não poderia mais ser visualizada a partir da relação assimilação/reprodução dos papéis propostos pela sociedade. A heterogeneidade de experiências socializadoras na vida adulta possibilitaria às mulheres combinarem diferentes lógicas de ação, gerando certa reflexividade em suas ações. Assim, a participação das mulheres rurais em organizações coletivas poderia ser considerada um importante espaço de socialização secundária, visto que, ao participar de tais experiências elas teriam a oportunidade de assimilarem diferentes valores e normas de comportamento.

Em suas análises sobre a socialização no mundo moderno, Setton (2002) corrobora com a perspectiva de Dubet (1996) demonstrando que a cultura de massa divide responsabilidade com os agentes tradicionais, família e escola, na construção do ser social. Para Setton (2002), na diversidade atual de modelos de referência pode-se identificar a tendência em se forjar um *habitus híbrido* no qual os sujeitos sociais construiriam suas identidades alinhadas as pressões progressistas da sociedade. A perspectiva de Setton (2002) também dialoga com a de Poggio (1999). Ambas as autoras compreendem que, a socialização na contemporaneidade é marcada por um contínuo ajustamento entre as variantes estruturais da socialização primária com as novas realidades adquiridas na socialização secundária.

Do ponto de vista de Setton (2002), na atualidade o *habitus* é construído a partir de referências e estímulos plurais, e não mais homogêneos, onde uma matriz de esquemas híbridos tenderia a ser acionada ao longo da participação dos indivíduos nos diferentes meios socializadores. Segundo a autora, a ausência de um sistema uno, ajustado e perene de valores que direcionassem a ação dos

indivíduos, faria com que estes se vissem impulsionados a esboçar seus próprios rumos de forma cada vez mais consciente e reflexiva.

Desta forma, a socialização das mulheres rurais na modernidade poderia ser interpretada como estando marcada pela crescente urbanização do campo e permeada por múltiplas instituições fomentadoras de condutas, saberes e valores. A simultaneidade de diferentes espaços socializadores, com intuítos variados e o maior fluxo de informações e valores, configuraria um campo de socialização híbrido e diversificado. Através do desenvolvimento tecnológico os sujeitos participariam de contextos nos quais, instituições fragmentadas conectam práticas locais a relações sociais globalizadas, reorganizando os diferentes aspectos da vida cotidiana (SETTON, 2002).

É por este mesmo ângulo que, Hall (1992), desenvolve a sua perspectiva acerca das identidades modernas, as quais não são mais fixas em razão do surgimento de quatro fatores interligados. Primeiramente o autor descreve uma crescente consciência e incidência de ancestrais comuns, o que faz com que nenhuma nação seja vista como (auto) definida. Segundo Hall (1992), seria a crescente consciência e identificação com tradições, valores e crenças de países diferentes que acabam por fragmentar as identidades. As identidades refletiriam, assim, uma história de vida construída e não mais sentida como determinada por classe, raça ou gênero. Elas expressariam um questionamento das tradições e dos estilos de vida, mediante a interconexão global. Hall (1992) diferencia três ideias modernas de identidade: 1ª) o “self” do iluminismo, considerado como um ser completo, autônomo e imutável; 2ª) o “self” sociológico, cuja visão interacionista preenche a lacuna entre o mundo pessoal e o público e a 3ª) o “self” pós-moderno, que não seria fixo e, sim, formado e transformado continuamente de acordo com os modos que lhe são requeridos ou como é representado na sociedade.

Ainda segundo o autor, a contínua mudança da sociedade contemporânea faria com que as tradições e as práticas sociais fossem constantemente examinadas, desafiadas e quase sempre transformadas pela nova informação que nasce da crescente interconexão global. Desta forma, as identidades se desconectariam de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, apresentando-se como um leque de identidades, as quais se poderiam construir. Soma-se a esta perspectiva, a concepção teórica de Bauman (2001, 2005), segundo a qual na

modernidade, as instituições socializadoras tradicionais entram em colapso e perdem força, dando lugar a um multiculturalismo proporcionado pela globalização. O autor nomeia de modernidade líquida a condição global caracterizada pelas mudanças e incertezas que afetam a sociedade em nível global, sistêmico e individual.

Na modernidade líquida as fontes de identidade seriam fluídas, o que levaria, na visão do autor, a se constituírem identidades consumistas, fragmentadas. Na contemporaneidade, segundo Bauman (2001) o limite entre o “eu autêntico” e a “representação do eu através” das escolhas de consumo se romperia. Porém, a importância do consumo na construção da identidade ultrapassaria a aquisição de bens materiais, pois, sem as fontes estáveis de identidade proporcionadas pela modernidade sólida³, os indivíduos do mundo moderno buscariam orientação, estabilidade e direção pessoal em fontes alternativas como a internet, os *coaches* e os terapeutas.

3 A participação como suporte para a reconstrução das identidades de gênero

Considerando que a socialização secundária se constrói vinculada à frequência a ambientes coletivos que, geralmente, desenvolvem atividades voltadas para redirecionar vieses presentes na cultura local, discutir as concepções de “participação” se torna fundamental para compreender as potencialidades presentes na reconstrução das identidades de gênero. Em diferentes estudos a participação vem sendo ilustrada como uma ferramenta que possibilita potencializar o desenvolvimento dos indivíduos. Cleaver (2001) analisa as limitações dos conceitos de participação nos discursos e projetos pensados para o desenvolvimento, tendo como base as instituições e a agência dos indivíduos. O autor ilustra que, em geral, as abordagens possuem uma dicotomia entre argumentos de eficiência, sendo a participação percebida ora como uma ferramenta para o alcance de melhores resultados, ora com argumentos voltados para o alcance da equidade e capacitação, com suas raízes na filosofia freireana. Tais concepções defendem que através da

³ Sociedade baseada na produção industrial de bens de consumo de forma ordenada, racional, previsível e relativamente estável.

ação coletiva e de classe seria possível a transformação das estruturas de subordinação.

Pode-se perceber que, geralmente, as abordagens relacionadas à participação da mulher rural em organizações coletivas são vistas como um meio para o seu desenvolvimento em quanto sujeito ativo, capaz de se posicionar de forma consciente e crítica ao que o “novo institucionalismo” caracteriza como a atuação do Estado voltada para transferir para as instituições sociais a responsabilidade de formatar e constituir comportamentos alinhados aos projetos de desenvolvimento por ele instituídos. De acordo com Karam (2008), o atual exercício da participação não é homogêneo, tendo diferentes formas e níveis relacionados a três fatores: *i) dos interesses em jogo*, interesses dos distintos atores envolvidos em um determinado processo de mudança social; *ii) da organização das comunidades*, ou seja, grupos politicamente organizados com capacidade para participar efetivamente e por último *iii) da empatia entre os atores*, isto é, processos participativos elaborados com base no respeito aos conhecimentos, princípios e valores da cultura local.

Por outro lado, Bordenave (1983) concebe a participação sob duas formas complementares: uma *forma efetiva* - participação pelo prazer em interagir e estar com outros; e uma *forma instrumental* - participação pela racionalidade em se trabalhar de forma mais eficaz e eficiente em conjunto. Com base nesta perspectiva Bordenave (2013) elabora uma tipologia de participação, alicerçada no acesso dos indivíduos a informação e aos processos de tomada de decisão sendo composta por sete graus de participação: *i) informação ou informação/reação*, *ii) consulta facultativa*, *iii) consulta obrigatória*, *iv) elaboração/recomendação*, *v) cogestão*, *vi) delegação*, *vii) autogestão*. Na tabela que se segue são apresentadas as características de cada um dos graus de participação descritos por Bordenave (2013):

Tabela1. Tipologias de participação, Bordenave (2013).

| Graus de participação | Características |
|------------------------------|---|
| Informação | A participação se dá pela informação transmitida pelos dirigentes da organização. Percebe-se que, neste sentido, a participação acontece de forma pouco representativa e de forma unilateral. |
| Consulta facultativa | Os gestores da organização consultam os demais |

| | |
|--------------------------------|--|
| | membros para apresentarem sugestões e críticas acerca das atividades a serem desenvolvidas. |
| Consulta obrigatória | Os integrantes da organização devem ser consultados acerca das decisões a serem tomadas, mesmo que a posição final caiba aos dirigentes. |
| Elaboração/recomendação | Os integrantes da organização têm a liberdade para elaborarem propostas e recomendações de projetos a serem desenvolvidos. |
| Cogestão | A gestão da organização é compartilhada por meio de mecanismos de codecisão e colegialidade. |
| Delegação | A gestão define os caminhos a serem tomados e os demais integrantes possuem certa autoridade para tomarem decisões sem a necessidade de consultar os dirigentes. |
| Autogestão | O grupo determina os seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem referência a uma autoridade externa. |

Fonte: Adaptado de Bordenave (2013)

Com base na tabela apresentada anteriormente, percebe-se que o autor tem como foco a “participação intra-grupal”, ou seja, a participação dos indivíduos em grupos e organizações não governamentais. Para o autor, participar seria uma necessidade humana, que envolve não somente a busca por sanar necessidades básicas, mas, também, por desenvolver nos sujeitos formas de interação, de auto expressão, de pensamento reflexivo e de valorização do indivíduo perante si e aos outros. Em uma perspectiva similar, Stocki & Mary (2016) analisam o isomorfismo das relações, os valores individuais em face aos valores institucionais no universo cooperativo. Segundo os autores, os indivíduos ao participarem de organizações coletivas seriam levados a adotar princípios e valores cooperativos como a autoajuda, a auto responsabilidade, o respeito às regras democráticas, aos parâmetros de igualdade, equidade e solidariedade. A assimilação destes valores seria, segundo os autores, determinante para a construção das identidades, moldando o estilo de vida dos sujeitos. Haveria, neste processo de participação em instituições de caráter coletivo-crítico, a adaptação dos sujeitos a preceitos normativos de caráter mais questionador, os quais se construiriam através do aprendizado de habilidades e atitudes voltadas para aumentar a sua capacidade de agência, ainda que sob limitações situacionais e organizacionais (STOCKI, MARY, 2016).

No que diz respeito, especificamente, às mulheres rurais, o trabalho coletivo, pelo simples fato de se processar no espaço público, já lhes proporciona, por si só, espaços de participação, contribuindo para o rompimento de alguns bloqueios que lhes são impostos culturalmente. Segundo Manago & Greenfield (2011) o engajamento das mulheres rurais na ação coletiva possibilita-lhes a rearticulação de papéis na esfera da família, assim como na esfera pública e na sociedade civil. A participação das mulheres rurais em organizações coletivas, nesta lógica, poderia lhes abrir oportunidades para o avanço na luta contra as desigualdades de gênero no campo, pois, ao participarem da experiência de trabalho em rede, as mulheres seriam apresentadas a outros valores e padrões de conduta expressos pelas organizações das quais fazem parte e mantém contato, possibilitando a disputa por diferentes capitais.

4 A reconstrução das identidades de gênero

Pelo exposto anteriormente, pode-se sustentar que as identidades podem não ser apenas herdadas, mas, também, construídas pelos indivíduos de forma constante pela alteração contínua dos estilos e modos de vida ao longo da vida. As identidades no mundo moderno estariam dispostas em prateleiras, algumas escolhidas pelos sujeitos, outras fomentadas pelo seu entorno, sendo necessária uma constante reflexão para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN; MEDEIROS, 2005). Na linha de pensamento desse autor, a modernidade líquida faz com que os indivíduos se vejam responsáveis por suas próprias escolhas visto que, as instituições sociais tradicionais perdem forma em meio ao multiculturalismo proporcionado pela globalização.

Essa multiplicidade de referências identitárias possibilita repensar o conceito de identidades de gênero não mais como sendo fruto da relação binária sexo/gênero, e sim, como um processo constituído de forma performática (BUTLER, 2015). Do ponto de vista da autora não existiria uma “identidade única da mulher” e sim “identidades fluídas” que cobrem um amplo espectro de identidades de gênero e é neste sentido que Butler, (2015) se aproxima de Bauman (2001, 2005) ao traçar a sua crítica ao movimento feminista, problematizando o pensamento de uma identidade única que acaba por abarcar toda a categoria “mulheres”. Do ponto de

vista de Butler (2015), o próprio sujeito que dá nome a categoria ‘mulheres’ não seria mais entendido em termos estáveis ou permanentes.

Assim, ao instituir a categoria mulheres como foco da política de representatividade do movimento feminista, acabar-se-ia por deixar de lado uma multiplicidade de expressões identitárias. Visto de outro modo, se a categoria mulheres for entendida como uma identidade definida e hipoteticamente existente em diferentes culturas, todas as outras identidades que não podem ser representados por tal categoria são, por conseguinte, compreendidas como estranhas, o que acaba por reforçar os estereótipos de masculino e feminino, no que Butler (2015) concebe como heterossexualidade compulsória. Segundo a autora, o gênero não seria algo herdado, mas que se constrói, constantemente, um ‘fazer’ mais que um ‘ser’. Assim sendo, na visão da autora o pensamento dominante no feminismo, de que o sexo é algo natural e de que o gênero é algo construído socialmente, não poderia ser visto dessa maneira:

“se o caráter do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula” (BUTLER, 2015: 27).

Dentro desta lógica, Butler (2015) busca deslocar a concepção de que o gênero decorreria do sexo, discutindo em que medida essa distinção sexo/gênero se institui na construção das identidades femininas. Em sua visão, a identidade de gênero não é uma parte da essência de um sujeito, mas o produto de ações e comportamentos, ou seja, “atos de gênero”. É o desempenho repetido dessas ações e comportamentos, associados às constrictões impostas pela sociedade, que produz o que é visto como uma identidade essencialmente feminina ou masculina. Para se livrar de tais constrictões, Butler (2015) sustenta a ideia de subversão, em que os atores se comportariam de maneira a ir além dos atos de gênero convencionais, por meio do que a autora chama de “performatividade de gênero”.

Neste sentido, Manago & Greenfield (2011), ao analisarem a construção de valores das mulheres mayas na vanguarda da mudança social em Chiapas no México, demonstraram que a sua participação em um grupo de teatro, contribuiu para que elas adaptassem seus valores e práticas, aqueles da sociedade que entraram em contato, em um processo de construção de sua individualidade de

gênero. Em suas peças de teatro, as mulheres encenavam como as novas formas de comportamento feminino, em um contexto marcado por crescente urbanização e comercialização, têm transformando as normas tradicionais de gênero em comunidades mayas. As autoras enfatizam que, as amplas mudanças socioculturais proporcionadas pela urbanização, pelo trabalho profissional e pelo acesso à educação foram geradoras de valores individuais entre um grupo de mulheres mayas de Chiapas (MANAGO; GREENFIELD, 2011).

Acrescenta-se a esta perspectiva o trabalho de Poggio (1999), que estudou os processos de construção de identidade de gênero das mulheres americanas, anglo-saxônicas, africano-americanas e mexicanas, a partir da participação das mesmas em movimentos sociais. A autora destaca que por meio da participação das americanas na esfera pública, em diferentes movimentos sociais abriu-se a elas oportunidades de empoderamento. Em seu texto Poggio (1999) descreve o descobrimento de forças e capacidades até então desconhecidas pelas mulheres, mostrando que o processo de empoderamento esteve atrelado à atividade política, que lhes permitiu começar um processo de (re)construção de uma nova identidade de gênero.

Ao analisar a trajetória de vida das mulheres americanas, a autora destacou que dentro do campo da participação coletiva e comunitária, as mulheres tinham a oportunidade de disputar e acumular capitais tidos como 'masculinos' (POGGIO, 1999). Desta forma, elas começavam a problematizar a sua posição dentro do campo político e de mobilização como sujeito subordinado e submisso à ordem naturalizada de dominação masculina. Para a autora "é na *prática* concreta que as mulheres das minorias trabalham os espaços conquistados e redefinem os caminhos para a contínua reconstrução de seus fragmentos de identidade" (POGGIO, 1999: 58). Neste sentido, pode-se inferir que a participação e, sobretudo, a prática social e coletiva experimentada pelas mulheres americanas de minoria étnica, proporcionou-lhes a oportunidade de modificar seu *habitus* devido ao ajustamento imposto pela necessidade de mudança. Esse ajustamento, segundo a autora, favoreceu a geração de transformações duráveis nas mulheres em decorrência das práticas introjetadas.

Desta forma e buscando compreender a construção/modificação do *habitus*, a autora destaca na esfera individual, variantes estruturais do *habitus*, vinculadas ao

pertencimento a um grupo ou a uma classe, apontando para a ação das memórias, mas, também, para um processo em contínua construção. A perspectiva histórica, a trajetória e o futuro são dimensões constitutivas dos *habitus* individuais. Percebe-se, deste modo, que a prática coletiva e social são criadoras de oportunidades para a ressignificação de comportamentos.

5 Considerações Finais

A partir dos conceitos apresentados buscou-se elaborar um marco teórico voltado para compreender o papel das organizações coletivas no processo de socialização e construção de identidades de gênero por parte de mulheres rurais. A pesquisa bibliográfica realizada mostrou uma tendência de fortalecimento das perspectivas mais centradas na capacidade reflexiva dos sujeitos que na força da estrutura atuante sobre ele. A literatura tem incorporado a percepção de que na modernidade e com o advento da globalização, a identidade incorpora marcos culturais que fragmentam as biografias, tornando-as muito mais plurais que em tempos pretéritos. Nas concepções estruturalistas clássicas a identidade da mulher rural era retratada como um trabalho direcionado para um objetivo expresso por sua classe, sexo e gênero. A sua imagem final era previamente conhecida. Já nas perspectivas mais modernas, que se impõem a partir da teoria da estruturação, do ator rede e da agência do sujeito, apresentam uma compreensão da identidade de gênero muito mais sensível aos efeitos dos múltiplos espaços socializadores nos quais ela participa. Estes se apresentam como mediadores na construção das mais variadas imagens do seu *self*. Desta forma, o marco teórico elaborado permitiu sustentar a premissa de que o estabelecimento de que os espaços socializadores constituídos pelas organizações coletivas do campo, podem contribuir ao longo dos anos para que as mulheres rurais incorporarem novas performances de gênero em espaços de empoderamento pessoal e grupal. As experiências relatadas nos casos das mulheres mexicanas e americanas permitiu visualizar a prática social, comunitária e coletiva como espaços socializadores capazes de promover novos atos e identidades de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.
- BAUMAN, Z.; MEDEIROS, C. A. **Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi**, 2005.
- BERGER E LUCKMAN. **A construção social da realidade**. 9. ed. PETROPOLIS: 1991.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. RIO DE JANEIRO: 2012, 2007.
- _____. Reprodução cultural e reprodução social. **A economia das trocas simbólicas**, v. 2, 1982.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: 2015, 2015.
- CLEAVER, F. A participação como tirania. In: **Participation: The New Tyranny?** Zed Books ed. London: 2001, 2001. p. 36–55.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais**. 1. ed. SAO PAULO: 2005, 2005.
- DUBET, F. **Sociologia de la experiencia**. 1. ed. MADRID: 2010, 1996.
- HALL, S. **A Questão da Identidade Cultural**. 3ª ed. Unicamp, Campinas: 2003.
- KARAM, K. F. **Relatório Final Pesquisa , Extensão E Aprendizagem Participativa** - Peap : 2008.
- MANAGO, A. M.; GREENFIELD, P. M. The Construction of Independent Values among Maya Women at the Forefront of Social Change: Four Case Studies. **Ethos**, v. 39, n. 1, p. 1–29, 2011.
- POGGIO, S. Construcción de las identidades femeninas colectivas: mujeres blancas anglosajonas y mujeres de las minorias etnicas en los Estados Unidos. **Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX**, v. 0, n. 12, p. 251–274, 1999.
- RAUD, C. Bourdieu e a nova sociologia econômica. **Tempo Social**, v. 19, n. 2, p. 203–232, 2007.
- SETTON, M. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 711–724, 2011.

_____. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60–70, 2002.

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 335–350, 2005.

_____. Introdução ao Tema Socialização. p. 1–26, 2014.

STOCKI, R.; MARY, S. **How lifestyle induces management**: A research model for the study of co-operative. n. June 2015, 2016.

ARTIGO II

ENTRE LAÇOS E NÓS UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA REDE DE GRUPOS DE MULHERES RURAIS URUGUAIAS

Resumo

A participação em organizações coletivas se constitui em uma forma de conectar os indivíduos a grupos, que extrapolam o seu círculo de relações mais próximo, na família e na comunidade, proporcionando-lhes vias de acesso a novas informações e recursos. Este artigo teve como objetivo analisar a capacidade de uma rede de mulheres rurais, existente no Uruguai, em articular os vários grupos que a compõem, promovendo a integração e o isomorfismo entre as suas organizações e estas com os seus integrantes. A metodologia de estudos de rede, com a adoção da análise sociométrica, permitiu a realização do teste de densidade, o qual foi aplicado no esboço de um desenho gráfico da atual estrutura de sociabilidade dos grupos integrantes da rede analisada. Percebeu-se que a RedMu como um sistema complexo de relações organizadas, logrou conectar organizações coletivas em torno de valores, objetivos e projetos comuns voltados para o empoderamento da mulher rural por meio de um isomorfismo normativo que reflete na capacitação de suas integrantes.

Palavras-chave: Mulher Rural; Redes Sociais; Organizações Coletivas.

BETWEEN TIES AND KNOTS A HISTORICAL ANALYSIS AND OF THE NETWORK OF GROUPS OF URUGUAY RURAL WOMEN

ABSTRACT: Participation in collective organizations is a way of connecting individuals to groups, which go beyond their closest circle of relationships in the family and community, providing them with access to new information and resources. This article aimed to analyze the capacity of a network of rural women in Uruguay to articulate the various groups that make it up, promoting integration and isomorphism between its organizations and those with its members. The methodology of network

studies, with the adoption of the sociometric analysis, allowed the performance of the density test, which was applied in the sketch of a graphic design of the current structure of sociability of the groups that are members of the analyzed network. It was perceived that RedMu as a complex system of organized relations managed to connect collective organizations around values, objectives and common projects aimed at the empowerment of rural women through a normative isomorphism that reflects the empowerment of its members.

Key-words: Rural Women; Social networks; Collective Organizations.

1 Introdução

O termo rede é utilizado como um conceito teórico-metodológico central na análise dos processos estruturadores da sociedade e na compreensão de como a sociabilidade pode influenciar no acesso a diferentes recursos (FONTES e EICHNER, 2004). Este artigo teve por objetivo analisar a capacidade da RedMu (Rede de Mulheres Rurais Uruguaias), em articular os vários grupos que a compõem, promovendo a integração e o isomorfismo entre as suas organizações e destas com os suas integrantes. Compreende-se o isomorfismo como um processo de persuasão, que força as organizações, que estão sob o mesmo contexto socioambiental, a se tornarem semelhantes entre si (DIMAGGIO E POWEL, 2005).

Através da análise de rede pode-se estudar a socialização das mulheres rurais em organizações coletivas, por meio do contato que estabelecem com novos atores sociais e as consequências destes laços para os seus modelos identitários (GUADALUPE, 2009). No que se refere ao cenário rural, a estrutura em rede tem sido utilizada como modelo organizacional para diferentes instituições do terceiro setor, como, por exemplo, a Coordenação Latinoamericana de Organizações do Campo (CLOC) e a Via Campesina (Via), que por meio de um sistema em rede buscam promover a articulação entre os diferentes movimentos sociais do campo (PIERSON e SKOCPOL, 2002).

A RedMu é uma associação civil sem fins lucrativos, fruto do '*V Encontro Feminista latino-americano e do Caribe*', realizado em novembro de 1990, em San Bernardo, Argentina. Após debates e trocas de experiências em tal evento, um

grupo de mulheres rurais uruguaias decidiram se organizar em grupos políticos, sociais e produtivos, buscando a representação e visibilidade política das mesmas. Segundo Norma Carugno uma das fundadoras da rede: “houve esse grande encontro de mulheres, percebemos que domésticas tinham seu lugar, as mulheres assalariadas tinham seu lugar, todas tinham um espaço, as que não tinham um espaço éramos nós, as mulheres rurais.” Assim, o surgimento como rede teve início em um cenário favorecido por uma crescente discussão acerca da temática de gênero no país e no cenário internacional (CAMPILLO, 1994; LEÓN, 1996, CHIAPPE, 2005).

As atividades promovidas pela RedMu tinham, assim, como objetivo levar informação e conhecimento a outras mulheres e jovens do campo em temas como: saúde sexual e reprodutiva, violência doméstica e de gênero e informações sobre acesso a direitos e programas governamentais. Para tanto, a rede mantinha contato com diversas instâncias governamentais como: o Programa de Gênero do Ministério da Pecuária, Agricultura e Pesca (MGAP); o Instituto Nacional das Mulheres (INMUJERES) do Ministério de Desenvolvimento Social (MIDES); Intendência de Canelones na área de Gênero e também participa de Mesas de Desenvolvimento Produtivo dos departamentos de Canelones, Florida e San José. Além disso, a RedMu realiza palestras sobre a realidade produtiva e familiar do campo para alunos do primeiro ano de faculdade de Agronomia da Universidade da República (UdelaR).

Acrescenta-se, ainda, no histórico da RedMu a sua relação com diferentes organizações sociais ligadas ao campo como: A comissão Nacional de seguimento dos postulados de Beijing – Mulheres pela Democracia, Equidade e Cidadania; A Rede Uruguaia contra a violência Doméstica e Sexual; a Rede de Educação Popular entre Mulheres (REPEM) e da Rede Amigos da Terra com a qual a RedMu tinha sociedade e organizava periodicamente eventos de interesse mútuo. A rede também mantinha atividades de intercâmbio de experiências e informações com redes internacionais como a Coordenadoria Latino-americana de Organizações do Campo (CLOC), a Vía Campesina e da Reunião especializada de agricultura familiar do Mercosul (REAF). Tais contatos aumentaram o acesso da organização a informações e a recursos, promovendo os seus grupos e as comunidades nas quais os mesmos encontravam-se inseridos.

Todas as atividades desenvolvidas pela rede contam com o auxílio de duas técnicas, uma socióloga e uma agrônoma, contratadas por meio de um projeto de fortalecimento institucional (PFI) promovido pelo Ministerio de la Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), que colaboram na promoção de capacitações, palestras e debates, além do acompanhamento periódico dos grupos que compõem a rede. As capacitações desenvolvidas pela REDMU abarcam desde aspectos administrativos e de gestão até aspectos sociais como conhecimento dos direitos sociais da mulher rural. No Uruguai, segundo Chiappe (2005), diferentes projetos, políticas e programas desenhados pela esfera governamental buscaram inserir, ainda que de forma incipiente, a temática da mulher rural em suas agendas. Desta forma, com base na motivação e mobilização de um grupo de mulheres rurais, estabeleceu-se a rede, de forma lenta e gradual, como explicita Sílvia Paez, uma das fundadoras da RedMu:

“Não tivemos nenhum apoio externo no início. Para podermos nos encontrar alguém trazia, por exemplo, ovos e os vendia e assim pagava sua passagem. Outra trazia mel e com isso pagava as suas passagens. Acreditávamos que o mais importante era nos conhecer e nos encontrar como mulheres rurais e, depois, sim, poder dar um passo adiante. “

É neste contexto que as integrantes da rede começaram a se organizar em grupos, em um esforço para romper com a invisibilidade feminina no campo. Para tanto, buscaram viabilizar a comunicação entre os grupos locais de mulheres e melhorar o seu acesso aos meios governamentais, a fim de lutar por melhorias na saúde, educação e capacitação técnica. Desde outubro de 1997, a RedMu é uma das organizações inscritas no registro de entidades legais do Ministério de Educação e Cultura Uruguaio. A seguir é apresentada a tabela 1.0 que descreve as dezoito organizações da rede, a partir de sua área de atuação:

Tabela 1.0 – Organizações que integram a RedMu.

| | Descrição |
|-----------------|--|
| Capalgui | Cooperativa Artesanal de caráter produtivo |
| Ceibocop | Organização de caráter social que visa a educação e capacitação de suas integrantes. |
| Gardel | Associação produtiva que integra a Cooperativa Calmañana. |
| Pedernal | Associação produtiva que integra a Cooperativa Calmañana. |
| Tapia | Associação produtiva que integra a Cooperativa |

| | Calmañana. |
|-------------------------------------|--|
| Las manos que hablan | Organização de natureza político-social formada por mulheres tecelãs que visa a capacitação de mulheres rurais para o trabalho de corte e costura. |
| Manos de Totoral | Organização de caráter produtivo-social formada por mulheres tecelãs de lã. |
| Manos del Uruguay | Organização produtivo-social que atua na produção artesanal e na capacitação de mulheres rurais. |
| Milenrama | Coletivo que atua no processamento e tecelagem de lã crua. |
| MTEA | Organização de caráter político-social |
| Mucachi | Associação de natureza político-social. |
| Mucatra | Associação de natureza político-social. |
| Murumi | Associação de natureza político-social |
| Mujeres rurales de San Ramon | Associação de natureza político-social. |
| MARLEF | Associação de natureza político-social que atua no fortalecimento e desenvolvimento da saúde rural |
| GO y Sa | Organização de caráter social |
| Mujeres rurales de san jose | Organização de natureza político-social |
| Por um futuro mejor | Organização de natureza político-social |

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017.

Todas as integrantes dos grupos que compunham a rede eram mulheres rurais, que viviam e trabalhavam no campo, sendo a grande maioria produtoras de hortaliças e de ervas medicinais. Também integravam a rede, grupos de artesãs, tecelãs de lã para exportação, produtoras de conservas, doces e compotas e, também, produtoras de leite e comerciantes de queijos.

2 A REDMU sob diferentes perspectivas teóricas

A análise de redes tem seu surgimento ligado a diferentes perspectivas teóricas. De um lado, a sua origem pode ser vinculada às pesquisas de Moreno (1934), cuja abordagem ficou conhecida como sociometria. Esta permite a visualização gráfica e matemática de relações interpessoais entre pequenos grupos. Por outro lado, os estudos de Barnes (1954), Bott (1957) e Mitchell (1969), acrescentam uma perspectiva qualitativa relevante à análise de redes. O primeiro a utilizar o termo 'redes sociais' para descrever a estrutura social de uma comunidade foi Barnes (1954). Porém, o aprofundamento teórico acerca do tema se deu com Mitchell (1969), que adaptou o modelo matemático e quantitativo da sociometria a

um formato sociológico que permitiu a sua fusão com as ciências sociais. Já Bott (1957) construiu o conceito de densidade nas análises de rede social, permitindo verificar a coesão entre grupos.

Desde então, a análise de redes tem sido utilizada em diferentes pesquisas visando compreender como a estrutura social e os padrões de interação influenciam no comportamento dos indivíduos e de seus grupos. Em perspectivas mais clássicas, ligadas a sociometria e a sociologia estrutural, o foco dos estudos de rede está na representação gráfica das relações sociais e, em compreender como o comportamento dos sujeitos e organizações é determinado pelas restrições e oportunidades dadas por suas redes (MARK S, MIZRUCHI, 2006). Em tais visões, a agência dos indivíduos é limitada e condicionada pelas múltiplas influências da estrutura social na qual está inserido. Apesar de conferir relevância a aspectos normativos e ao poder da estrutura no comportamento dos atores, cabe ressaltar que tal modelo estrutural não exclui a racionalidade dos indivíduos e, muitos de seus adeptos aceitam, com ressalvas, um modelo de agente racional (BURT, 1992; MARK S, MIZRUCHI, 1994).

A posição dos indivíduos em suas redes, a partir de tal visão, influencia em seu comportamento e, é neste sentido que Granovetter (1983) desenvolve alguns de seus conceitos como os de laços fracos e fortes. Tais conceitos ilustram a relevância da posição dos atores nas relações sociais cotidianas. Os laços fracos conectam os indivíduos a diferentes grupos, proporcionando vias de acesso a novas informações e recursos. Já nas relações sociais marcadas por laços fortes, assinaladas pela alta intensidade e frequência de contato, as informações circuladas se tornam redundantes devido a sua grande intensidade (GRANOVETTER, 1983). Contudo, ainda que o autor visualize o poder e a força das estruturas sociais agindo sobre o comportamento dos indivíduos, o seu conceito de *embeddeness* mostra-se como um elo de equilíbrio na análise do par “estrutura-agência”, visto que na visão do autor, os indivíduos não atuam como átomos fora de um contexto social específico e nem incorporam de forma passiva as estruturas e categorias sociais das quais fazem parte (GRANOVETTER, 1995).

Por este ângulo, centrado na contextualização histórica e na dinamicidade atual do mundo moderno, o esforço da análise de redes está em visualizar a agência e a estrutura de forma enredada. A estrutura é percebida como sendo ao mesmo

tempo exógena e endógena, ou seja, uma estrutura fluída e dinâmica, que se altera a partir da atuação e capacitação de seus atores, transformando e sendo por eles transformada (BOURDIEU, 1977; GIDDENS, 1989; 2000). Ação e estrutura estariam, nesta lógica, interligadas de forma recíproca e, tal reciprocidade, é o que possibilitaria sustentar o arranjo dos sistemas sociais, assim como transformá-los (GIDDENS, 1989;2000). Tal dualidade demonstra que a estrutura não atua somente de maneira opressiva na dinâmica dos sujeitos, mas opera, também, produzindo a ação, ora habilitando os indivíduos a agir, ora os inibindo.

A concepção teórica de Burt (1982), também, endossa essa linha de pensamento de caráter mais construtivista, em que a ação dos indivíduos é percebida como passível de remodelar a estrutura de suas redes, visto que eles discernem e se valem de oportunidades nos arranjos de seus sistemas sociais, de lacunas, as quais o autor nomeia de “buracos estruturais”. Assim, ao ocupar um buraco estrutural, um indivíduo seria capaz de não somente modificar a sua posição na estrutura, mas, também, de alterar a própria estrutura da rede. Do mesmo modo, e com o objetivo de reestruturar um modelo de análise de redes em que a ação humana fosse considerada, White (1992b) esboça a sua teoria com base no conceito de identidade em busca de controle. Em seu livro, “*Identity and control: a structural theory of social action*”, o autor tem como preocupação central ilustrar como as identidades dos indivíduos resultam e se desenvolvem por meio da sua ação na estrutura social.

Dessa forma, para White (1992b) uma identidade, no sentido coletivo e individual, surge de um esforço para o controle em um mundo tomado pelas incertezas e pelo caos. Na perspectiva do autor, a ação dos indivíduos em suas redes seria orientada pela legitimação e consolidação de sua posição estrutural, em uma busca permanente por refúgios onde se possam defender identidades. E é neste sentido, que se dá a relevância das redes para compreender os processos pelos quais se transmite o isomorfismo entre as organizações e destas com os seus integrantes, possibilitando a (re)configuração de novos modelos identitários e de novas visões de mundo por parte dos seus atores.

Segundo Dimaggio e Powel (2005), podem-se identificar três mecanismos pelos quais ocorrem mudanças isomórficas: o isomorfismo coercitivo – derivado de influências políticas e de uma pequena legitimidade institucional -, o isomorfismo

mimético – resultado de respostas padrões a situações de incerteza – e, o isomorfismo normativo – relacionado a processos de profissionalização. Na RedMu, é possível observar um processo de isomorfismo normativo, visto que por meio de cursos e capacitações, a rede busca profissionalizar suas integrantes para que as mesmas possam gerir seus empreendimentos em consonância com os valores e regras sociais da rede da qual fazem parte.

3 Procedimentos Metodológicos

Para atingir o objetivo deste artigo, voltado para analisar a capacidade da REDMU, em promover a integração grupal das mulheres rurais uruguaias, utilizou-se de uma abordagem mista entre métodos de análises quantitativos e qualitativos, podendo, assim, ser classificada como uma pesquisa descritivo-analítica. Os métodos mistos se referem à coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, onde as informações são coletadas de forma concomitante ou sequencial (CRESWELL et al., 2015). A utilização de métodos mistos, segundo Gray (2016), permite que os pesquisadores generalizem suas análises a partir de uma amostra ou população, proporcionando uma visão mais rica e contextual do fenômeno a ser pesquisado. O percurso metodológico apresentou duas etapas complementares, primeiramente buscou-se levantar dados para a elaboração de uma matriz sociométrica que permitisse uma análise de rede total, ou seja, a análise “sobre o sistema social como um todo, descrevendo as estruturas compreensivas das relações de papel de uma população inteira” (CUNHA, 2014a, p: 183). Posteriormente, foram realizadas entrevistas em profundidade com duas das fundadoras da RedMu, visando obter dados referentes ao contexto histórico de formação e atuação da organização analisada.

Após o levantamento dos dados, procedeu-se a tabulação dos mesmos visando à elaboração de uma matriz quadrada⁴ idêntica⁵, em que a frequência da relação foi levada em conta. Posteriormente tal matriz foi inserida no software Ucinet 6, ferramenta que permite a elaboração de grafos e análises sociométricas que mapeiam a interligação entre as diferentes organizações que integram uma rede.

⁴ Matriz que contém o mesmo número de filas e colunas

⁵ Matriz em que os números e os nomes das colunas e das filas são iguais

Utilizou-se como técnica de análise dos dados a sociometria, um método quantitativo que na visão de Marconi e Lakatos (2006), permite analisar as relações sociais entre indivíduos e grupos, identificando seus líderes e estruturas internas.

Na sociometria, a rede é entendida como um grupo de indivíduos e ou organizações que, de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros com uma finalidade específica, sendo caracterizados pela existência de fluxos de informação (MARK S, MIZRUCHI, 2006). De forma resumida, uma rede é composta por três elementos básicos: nós/atores⁶, relações/ vínculos⁷ e fluxos⁸. Para a organização analisada realizou-se uma análise de rede total, isto é, buscou-se visualizar de forma panorâmica os padrões de interação entre as organizações entrevistadas por meio da densidade da rede.

4 Resultados e análise dos dados

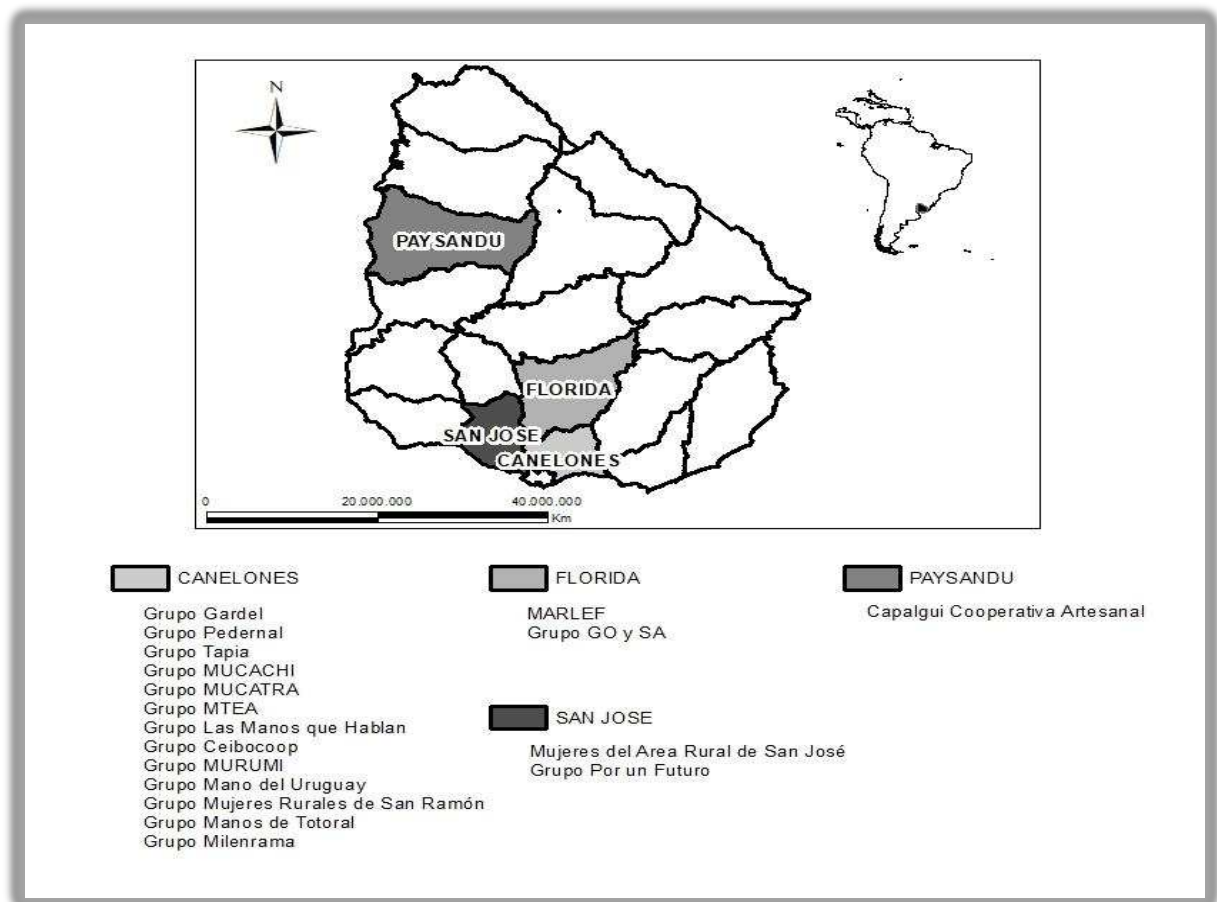
Atualmente a RedMu conta com 200 integrantes, organizadas em 18 grupos distribuídos nos departamentos de Canelones, Florida, San José e Paysandú (Figura 1.0).

Figura 1.0 – Distribuição geográfica dos grupos que compõem a RedMu.

⁶ São os indivíduos ou organizações que se agrupam com uma finalidade comum, representam-se por círculos.

⁷ Os vínculos/relações são representados por linhas e representam os laços que existem entre dois ou mais nós. A soma de todos os nós indica o tamanho da Rede.

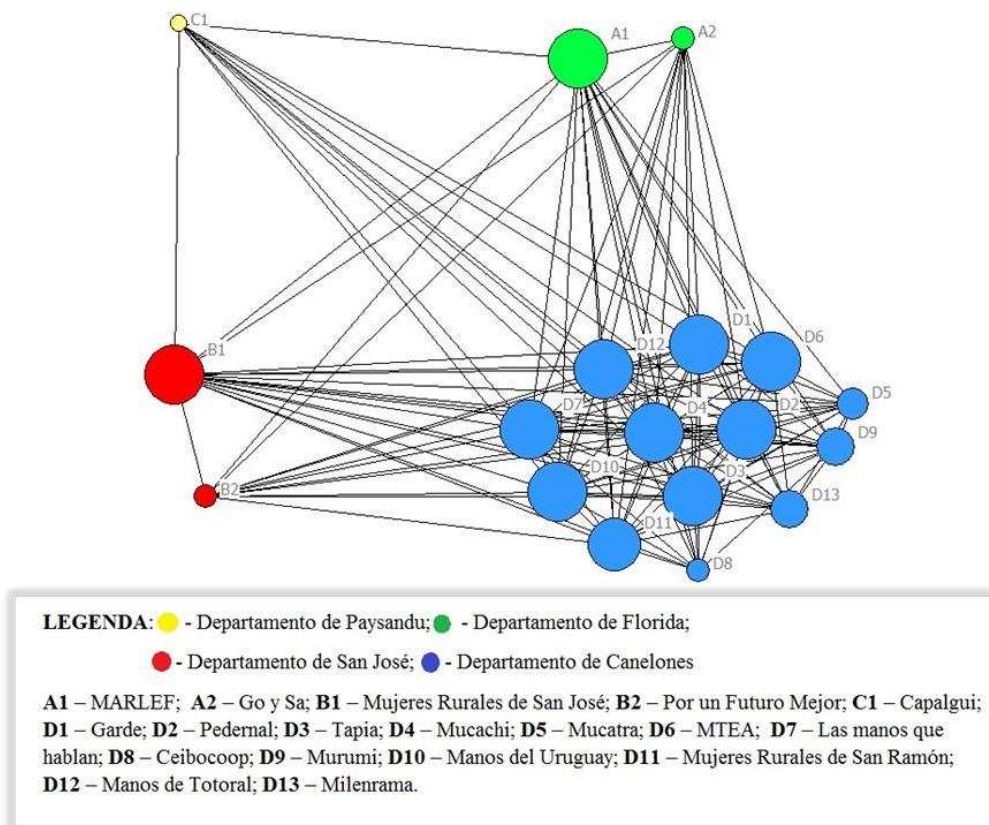
⁸ Representados com uma seta que indica o sentido do vínculo estabelecido



Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa, 2017.

Pode-se perceber, com base no mapa apresentado, que os grupos que integravam a RedMu se concentravam na região sul do Uruguai e, sobretudo, no departamento de Canelones, o qual sediava treze dos dezoito grupos. Assim, a Rede se concentrava, de fato, na região mais dinâmica do país, próxima a capital, Montevideo. Apesar da RedMu buscar atuação a nível nacional, o mapa anterior ilustra a dificuldade da RedMu em agregar grupos dos demais departamentos, especialmente, da região norte do país. Com base na matriz sociométrica elaborada, gerou-se um grafo que representa a configuração atual da rede de relações da RedMu (Figura 2.0). A partir da realização do teste de densidade, as interações foram ordenadas de modo a permitir a sua representação e visualização.

Figura 2.0 – Grafo da Rede de socialização da RedMu



Fonte: Elaboração do autor com base em dados de pesquisa, 2017.

A densidade de uma rede é uma métrica que pode ser medida através das possíveis conexões entre seus nós, sendo o cálculo de densidade feito dividindo-se o número de relações existentes pelas as relações possíveis e multiplicando-se por cem, conforme a equação:

$$D = \frac{RE}{RP} \times 100$$

Este cálculo ilustra o índice de conectividade entre os nós de determinada rede, ou seja, mede a conectividade dentro da rede por meio do número de ligações possíveis totais que podem existir, ou seja, mapeia as densidades existentes em uma rede. Desta forma, redes densas seriam aquelas em que há grande quantidade de conexões, e redes dispersas aquelas que possuem pequenas quantidades de ligações (HATALA, 2006).

Assim, tal medida expressa a alta ou baixa conectividade de uma rede, sendo um importante dado para compreender como as atividades desenvolvidas pela RedMu se efetivam. Na rede de relações da RedMu, há um total de 18 nós, 242

relações existentes e 306 relações possíveis⁹, resultando em uma densidade de 0.79¹⁰, ou seja, 79% das relações possíveis na rede se efetivam, valor que indica uma alta densidade. Tal medida, observada sob a perspectiva estrutural clássica indica uma pressão estrutural para a adoção de valores e comportamentos adequados à estrutura da RedMu e um constrangimento no que tange às condutas contrastantes aos valores por ela disseminados, visto que, segundo Hatala (2006), quanto maior a densidade, maior a coesão existente entre o grupo.

Desta forma, a perspectiva estrutural, articulada com perspectivas mais construtivistas como as de White (1992b) e Granovetter (1983), podem auxiliar no entendimento de como as normas, valores e padrões de conduta expressos pela RedMu são assimilados por suas integrantes em seus modos de vida e em suas identidades de gênero.

Tal dado pode ser verificado por meio do questionário aplicado, o qual mostra que, 87 % das mulheres rurais entrevistadas participou de atividades de formação e capacitação realizadas por intermédio da RedMu. Isto indica uma grande coesão entre os grupos da rede no que se refere a valores e padrões de conduta, o que pode refletir na constituição de identidades de gênero similares entre suas integrantes. Em resumo, a partir da medida de densidade apresentada, pode-se inferir que a organização analisada obtém êxito na disseminação de suas atividades de formação e capacitação. Contudo, o alto valor de densidade revelado pode resultar em dificuldade dos grupos da RedMu em estabelecerem novos vínculos, laços fracos que conectem seus nós a outras redes paralelas (GRANOVETTER, 1983).

A partir da densidade apresentada, faz-se necessário ilustrar o estatuto de funcionamento da RedMu e seus principais objetivos para assim, compreender como as atividades por ela desenvolvidas tornam-se mediadoras em processos de construção de identidades de gênero. De acordo com o estatuto de funcionamento da RedMu, seus principais objetivos eram: (i) promover a integração grupal das mulheres rurais uruguayas; (ii) fortalecer suas organizações e sua participação na vida da comunidade local, nacional e internacional; (iii) buscar alternativas

⁹ O cálculo de relações possíveis é feito multiplicando-se o número total de relações pelo número total de relações menos um: $RP = NTR \times (NTR - 1)$

¹⁰ $D = \frac{242}{306} \times 100$

produtivas autossustentáveis para as mulheres do campo e a valorização de seu papel; (iv) impulsionar propostas de formação política e gerar espaços de intercâmbio de experiências entre mulheres rurais que reflitam no entendimento e defesa dos direitos das mulheres rurais.

A partir de seu estatuto, pode-se afirmar que a principal função da RedMu se caracteriza por trabalhar em conjunto com as instâncias governamentais na formação e capacitação permanente de suas integrantes, e, desta forma, disseminar o conhecimento por elas adquirido promovendo palestras, oficinas e cursos em escolas rurais e centros comunitários. Ou seja, a estratégia de trabalho da RedMu se resume em capacitar os grupos integrantes para que os mesmos realizem em suas comunidades eventos de difusão e capacitação. Segundo Sílvia Paez, uma das fundadoras da RedMu, esta tem por objetivo “aumentar o número de grupos é um dos objetivos, porque quanto mais grupos se aproximarem da rede, cada vez mais será possível replicar o conhecimento em outras zonas, e assim abarcar mais mulheres rurais”.

Como descrito por Carneiro (2013), o que mobiliza as ações em uma rede de organizações coletivas é o reconhecimento construído em torno de uma identidade coletiva. Assim, para a presente pesquisa o que realmente importa em termos do campo de socialização construído pela REDMU é observar as práticas por ela desenvolvida junto às participantes. Neste sentido, a intensidade da participação das mulheres, assim como o lugar por elas ocupado na rede, bem como a própria densidade das interações entre os grupos que a compõem, podem se constituir em vetores, com maior ou menor potencial de absorção de valores identitários por parte das mulheres. Essa troca de saberes entre a RedMu e os diferentes grupos e indivíduos, pode ser interpretada como um processo formador, através do qual a realidade vivenciada é compartilhada de forma a disseminar experiências coletivas, com potencial reconstitutivo de suas identidades primárias, construída na família, na vizinhança, na escola, enfim, na primeira infância. Visualiza-se, assim, na rede de organizações analisada, uma abordagem participativa construída com base na promoção de atividades cujo objetivo final é o desenvolvimento do senso de autonomia e empoderamento nas mulheres.

Segundo Pettit (2006), as metodologias de participação voltadas para as questões de gênero são construídas com base em abordagens que visam a

autoconsciência, questionando as normas sociais dominantes e, neste sentido, o desenvolvimento de práticas reflexivas. Desta forma, a atuação da RedMu pode ser vista como via de acesso à novos modelos identitários para as suas integrantes. Além do mais, a exposição que as mesmas têm ao espaço público, aberto pelos eventos realizados pela RED, criam a possibilidade das mulheres falarem e serem ouvidas, em diferentes instâncias de participação social. Conforme descrito por Treager (2016), as redes de colaboração se constituem em importantes mecanismos potencializadores do desenvolvimento rural, por mediar a troca de informações e conhecimentos entre os seus integrantes e dentro da comunidade da qual fazem parte.

Conforme seus objetivos, a RedMu tem como função impulsionar propostas de formação política e gerar espaços de intercâmbio de experiências que reflitam na defesa dos direitos humanos em geral e, das mulheres rurais em particular. Assim, a rede atua mediante a organização de diferentes atividades, tais como:

- i) *Oficinas*: eventos de curta duração para a capacitação das mulheres rurais em temas produtivos – produção artesanal, sustentável e agroecológica.
- ii) *Visitas a escolas*: atividades realizadas em colaboração com escolas rurais para a difusão de informações sobre o cuidado com o meio ambiente e especialmente com a água.
- iii) *Passeios pelos povoados*: eventos que buscam conhecer outras comunidades rurais e, sobretudo, a outras mulheres e jovens, promovendo uma maior integração e troca de vivências entre suas integrantes e os povoados.
- iv) *Reuniões em centros comunitários*: atividades nas quais a RedMu participa ativamente, com pautas que inserem as demandas das mulheres rurais na agenda de diferentes instituições governamentais.
- v) *Fóruns e Seminários*: eventos que são promovidos pela rede para fomentar o debate acerca de temas políticos – direitos da mulher do campo -, e sociais – equidade de gênero.

Todos os eventos descritos são realizados com a colaboração de instâncias governamentais, a nível estadual e nacional, com movimentos internacionais, com a

universidade do Uruguai - Udelar e com outras organizações da sociedade civil. De forma geral, as iniciativas desenvolvidas pela rede são elaboradas em conjunto com entidades parceiras, que além de compartilhar dos mesmos interesses sociais da rede, incorporam novas práticas de trabalho, especialmente no que se refere à produção sustentável e agroecológica. Em sua maioria, os eventos promovidos pela RedMu, são financiados a partir da submissão de projetos da rede em chamadas dos fundos competitivos nacionais, seja nas chamadas destinadas as mulheres no marco das políticas de igualdade de oportunidades, ou nas dirigidas ao fortalecimento institucional das organizações rurais no marco do desenvolvimento rural sustentável.

Neste sentido, percebe-se que a RedMu tem obtido na esfera governamental recursos para o desenvolvimento de suas atividades. Não somente recursos financeiros, mas, também, apoio técnico, com acesso a instituições e pessoas capazes de auxiliá-la na oferta de cursos de capacitação na área de educação, saúde, formação profissional, dentre outros.

Ao participarem de diferentes organizações e interagirem com diversos atores e instituições, as integrantes da RedMu têm a possibilidade de experimentar novas formas de viver suas identidades de gênero. A socialização no espaço público por meio da participação na rede, pode assim, ser percebido como auxiliando a mulher na inserção em um contexto que extrapola as suas referências locais. Este processo, se relacionado à uma “participação ativa” pode, segundo Cleaver (2001), oferecer às mulheres rurais a oportunidade de disputarem e acumularem capitais tidos como ‘masculinos’. A ascensão da mulher rural em espaços públicos favorece, também, que as agendas e pautas femininas do campo sejam valorizadas e discutidas. Neste sentido, a participação das mulheres rurais nas atividades da rede pode favorecer a aquisição de habilidades e atitudes que lhes permitam aumentar a sua autonomia e a sua agência para além das identidades de gênero vistas como ‘tradicionais’.

5 Considerações Finais

Ao se analisar a RedMu através da observação da sua trajetória histórica, percebe-se que o seu desenvolvimento aconteceu concomitantemente ao surgimento dos grupos que a compuseram. As discussões sobre a desigualdade de

gênero e o papel da mulher rural no campo, fomentaram o desenvolvimento dos diferentes grupos coletivos que se constituíram mediante e de acordo com os valores e padrões de conduta expressos pela RedMu, o que explica o alto valor de densidade apresentado pela rede.

Foi possível, ainda, observar como ocorreu a interação entre os grupos que compõem a Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias (RedMu). O teste de densidade, assim como o desenho das estruturas de relações sociais da referida organização permitiram compreender a RedMu como um sistema complexo e denso de relações organizadas que conectam e intermediam organizações coletivas em um processo articulatório em torno de valores, objetivos e projetos em comum, suprimindo comportamentos antagônicos e valorizando o empoderamento da mulher rural por meio de um isomorfismo normativo que reflete na capacitação de suas integrantes.

Por meio de uma organização central e da capacitação grupal, a rede dissemina os conhecimentos adquiridos por suas integrantes em suas localidades o que lhes garante espaço, credibilidade, apoio e reconhecimento de diferentes instituições públicas e sociais. Pode-se afirmar, também, que a RedMu utiliza-se de uma variedade de ações que visam capacitar as suas integrantes e desta forma, engajar as mesmas nas múltiplas dimensões e implicações da esfera pública. Este protagonismo se reflete tanto na esfera econômica quanto nos espaços sociais, o que gera importantes mudanças a nível individual, familiar e comunitário. A partir da geração de redes de cooperação e apoio como outros grupos e organizações, as mulheres rurais uruguaias têm sido capazes de conquistar espaço nos meios governamentais e sociais. Contudo, cabe ressaltar a dificuldade da RedMu em expandir sua atuação em nível nacional, se conectando a grupos da região norte do país.

6 Referências Bibliográficas

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

DIMAGGIO, Paul J .; POWELL, Walter W. A gaiola de ferro revisitou o isomorfismo institucional e a racionalidade coletiva nos campos organizacionais. In: **Economia**

Atende Sociologia na Gestão Estratégica . Emerald Group Publishing Limited, 2000. p. 143-166.

BRITO, J., OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: FILHO, F.S., JARDIM S. (orgs.) **A Danação do Trabalho**. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.

BARNES, J. A. Class and committees in a Norwegian island parish. **Human relations**, v. 7, n. 1, p. 39-58, 1954.

BOURDIEU, P. (1977). **Outline of a theory of practice**. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

BOTT, E. **Family and Social Network: Roles**. Norms, and External Relationships in Ordinary Urban Families, London: Tavistock Publications, 1957.

BURT, R. S. **Toward a structural theory of action: network models of social Structure**, Perception, and Action. 1982.

BURT, R. S. **Structural holes: The social structure of competition**. Harvard University Press, 2009.

CAMPILLO, F. El enfoque de género en el desarrollo rural: Elementos para la discusión en el marco del PROCODER. In: CAMPOS, C. (Comp.), **Desarrollo rural con equidad de género** (pp. 29-46). PROCODER, IICA, IAPAR: Londrina, Brasil. 1994.

CAMPILLO, F. (1994). Género y desarrollo rural: Una relación desigual. In: El desarrollo rural en América Latina hacia el **siglo XXI. Memorias del Seminario Taller Internacional**.

CARNEIRO, M. J. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2013.

CHIAPPE, M. B. La situación de las mujeres rurales en la agricultura familiar de cinco países de América Latina. **Informe de la Asociación Latinoamericana de Organizaciones de Promoción**. Montevideo, Uruguay, 2005.

COHN, B. S.; MARRIOTT, M. Networks and centres of integration in Indian civilization. **Journal of social Research**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 1958.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos-: Série Métodos de Pesquisa**. Penso Editora, 2015.

DIMAGGIO, Paul J .; POWELL, Walter W. A gaiola de ferro revisitou o isomorfismo institucional e a racionalidade coletiva nos campos organizacionais. In: **Economia Atende Sociologia na Gestão Estratégica** . Emerald Group Publishing Limited, 2000. p. 143-166.

FONTES. B.. EICHNER. K. A Formação de Capital Social em uma Comunidade de Baixa Renda. In: MARTINS. Paulo H.: NUNES. **Brasilmar**. F (Orgs.) (2004). A nova Ordem Social: Perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15. Pp. 215-241.2004.

FREEMAN, L. C. Centrality in social networks conceptual clarification. **Social networks**, v. 1, n. 3, p. 215-239, 1978.

GIDDENS, A. **A construção da sociedade**. San Pablo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, A.; GAMEIRO, O.; PIRES, R. P. P. **Dualidade da estrutura: agência e estrutura**. 2000.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: A network theory revisited. **Sociological theory**, p. 201-233, 1983.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Penso Editora, 2016.

GUADALUPE. S. Intervenção em rede. Serviço Social. **Sistémica e redes de suporte social**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2009.

HATALA, John-Paul. Social network analysis in human resource development: A new methodology. **Human Resource Development Review**, v. 5, n. 1, p. 45-71, 2006.

LEÓN, M. et al. **Política agraria en Colombia y debate sobre política para la mujer rural. Mujer y la política agraria en América Latina**. Asociación Colombiana para el Estudio de la Población, Bogotá (Colombia), 1986.

LOPES, F. D.; BALDI, M. Redes como perspectiva de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições. **Revista de Administração Pública (RAP)**. 2009, vol.43, n.5, pp. 1007-1035.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas e pesquisa**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2006. 289p.

MITCHELL, J. C. (Ed.). **Social networks in urban situations: analyses of personal relationships in Central African towns**. Manchester University Press, 1969.

MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. v. 46, n. 3, p. 72-86, 2006.

MORENO, J. L. 1934. Who Shall Survive? Washington, DC: **Nervous and Mental Disease** Publishing Company.

PETTIT, J. **Power and pedagogy: Learning for reflective development practice**. IDS Bulletin, v. 37, n. 6, p. 69-78, 2006.

PIERSON, P.; SKOCPOL, T. (2002), Historical institutionalism in contemporary political science. In: Katznelson, I.; MILNER, H. V. (eds.), **Political science: state of the discipline**. New York: Norton, p. 693-721.

ROSENTHAL, N. et al. Social movements and network analysis: A case study of nineteenth-century women's reform in New York State. **American Journal of Sociology**, v. 90, n. 5, p. 1022-1054, 1985.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

STOCKI, R. How lifestyle induces management: A research model for the study of cooperative isomorphism. In: **The 9th International Conference in Critical Management Studies**. University of Leicester, UK. 2015. p. 8-10.

TOMAEL, M. E., MARTELETO, R. M. (2006). Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, nspe, 1º sem., 75 – 91.

TREGEAR, A.; COOPER, S. Embeddedness, social capital and learning in rural areas: The case of producer cooperatives. **Journal of Rural Studies**, v. 44, p. 101-110, 2016.

WHITE, H. C. **Identity and control: A structural theory of social action**. Princeton University Press, 1992.

ARTIGO III

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM MEIO A PARTICIPAÇÃO COLETIVA E COMUNITÁRIA: TECENDO A REDE DE GRUPOS DE MULHERES RURAIS URUGUAIAS.

Resumo

Este artigo teve como objetivo compreender de que forma a participação das mulheres rurais em uma Rede que articula Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias (RedMu) pode contribuir para que as mesmas assumam direcionamentos identitários que revelam valores e práticas feministas por ela disseminados. O estudo foi realizado com a aplicação de 127 questionários com mulheres rurais que integram a rede e visou obter indicadores para a elaboração de perfis conservadores e progressistas de identidades de gênero. Verificou-se que a participação na rede permitiu as mulheres manifestarem aceitação e legitimação em relação a valores e práticas que podem ser classificadas como progressistas pela literatura científica. Constatou-se que a identidade de gênero das integrantes da RedMu manifesta não somente a permanência de uma condição socioeconômica construída na socialização primária, como o nível educacional alcançado, a religião e as práticas laborais advindas dos direcionamentos dos pais, mas, manifesta, também, uma visão social de mundo ancorada em valores que refletem a tolerância e o respeito a um modelo de identidade de gênero perpassado por práticas intensamente debatidas na sociedade uruguaia, como a legalização do aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do uso da maconha.

Palavras-chave: identidade de gênero. socialização. organizações coletivas.

IDENTITIES BUILT THROUGH COLLECTIVE AND COMMUNITY PARTICIPATION: WEAVING THE NETWORK OF GROUPS OF URUGUAYAN RURAL WOMEN.

ABSTRAT: This article aimed to understand how the participation of rural women in a Network that articulates Groups of Uruguayan Rural Women (RedMu) can contribute to the identity assumption that reveals feminist values and practices disseminated by

them. The study was carried out with the application of 127 questionnaires with rural women who are part of the network and aimed at obtaining indicators for the elaboration of conservative and progressive profiles of gender identities. It was found that participation in the network allowed women to express acceptance and legitimacy regarding values and practices that can be classified as progressive by the scientific literature. It was verified that the gender identity of the members of RedMu manifests not only the permanence of a socioeconomic condition built in primary socialization, such as the level of education achieved, religion and work practices derived from the parents' a social vision of the world anchored in values that reflect tolerance and respect for a model of gender identity permeated by practices intensely debated in Uruguayan society, such as legalization of abortion, same-sex marriage and legalization of the use of marijuana

Keywords: gender identity. socialization. organizations.

1 Introdução

“Sobre uma menina exemplar: Uma menina brinca com duas bonecas e briga com elas para que fiquem quietas. Ela também parece uma boneca porque é linda e boazinha e porque não incomoda ninguém. (Do livro *Adelante*, de J. H. Figueira, que foi livro escolar no Uruguai até poucos anos atrás.)” (Galeano, 2000).

O trecho que inicia este artigo ilustra uma mentalidade corriqueira, de evidente acepção patriarcal, presente na construção do papel estipulado para uma mulher, até por volta dos anos de 1960/70 do Século passado. Os anos de égide do modelo de comportamento vitoriano, demarcador da separação entre as esferas do doméstico, destinada às mulheres e a do mundo público aos homens, se estendeu, portanto, até meados do Século XX. No que diz respeito às relações de gênero no meio rural, Paulilo (1987), Woortmann (1991), Nascimento (2013) e Carneiro (2013), ressaltam que as assimetrias vivenciadas pelas mulheres rurais podem ser observadas, inclusive, no seu cotidiano de trabalho. Um exemplo disto é o antagonismo entre trabalho “produtivo” e “reprodutivo”, presente na classificação que os agricultores adotam para designar o trabalho realizado por homens e mulheres, respectivamente. (PAULILO, 1991).

De acordo com Chiappe (2005), o trabalho da mulher é especialmente subvalorizado nas sociedades rurais, dado que o limite entre o “trabalho produtivo” e o “não produtivo” não é claro. Seguindo esta linha de raciocínio, a autora ilustra que os censos agrários se utilizam de uma definição muito restrita do que consideram atividade agrícola, fazendo assim com que tarefas como a seleção de sementes, o armazenamento, conservação e transformação de produtos agrícolas, nos quais as mulheres estão constantemente envolvidas, sejam menosprezados nas estatísticas rurais. Desta forma, no meio rural, a gestão da produção agrícola é culturalmente papel do homem, assim como a venda e a negociação, sendo a mulher encarregada das atividades domésticas, como lavar, cozinhar, cuidar das crianças e tomar conta de cultivos de subsistência. Nesta lógica, em sua socialização primária, as mulheres rurais, estariam condicionadas a assimilarem em suas identidades de gênero papéis e normas de condutas inerentes de uma cultura patriarcal.

Contudo, as práticas desenvolvidas em organizações coletivas do campo, apontam para espaços de construção de novos referenciais identitários para as mulheres rurais (BALSAMO, 2013; POGGIO, 1999; CARNEIRO, 2013; CHIAPE, 2005). Segundo Carneiro (2013), observa-se, atualmente, uma mudança no conteúdo da participação feminina nos diferentes movimentos sociais ligados ao campo, os quais vem possibilitando que a mulher rural esteja mais presente e visível no espaço público. No que se refere ao contexto uruguaio, Vitelli e Borrás (2016) ilustram que a partir de 2005 o país começou a experimentar um “período mais democrático”, como consequência de um contexto culturalmente mais flexível e plural, que incluiu, também, a chegada ao governo do partido político ‘Frente Amplio’. Neste período, ocorreu uma aproximação do Estado com as demandas dos setores populares, dentre os quais se encontravam os grupos associativo-coletivos formados por mulheres rurais (VITELLI e BORRÁS, 2016).

A hipótese investigada neste artigo se construiu em torno de concepções teóricas que apontam que a efetiva participação das mulheres rurais em Redes de organizações coletivas pode contribuir para que as mesmas legitimem referências de mundo e modelos identitários mais modernos, bem como possam ampliar a sua inserção no mundo público. Para tanto, o texto foi organizado em seções complementares. Em primeiro lugar, são apresentados os conceitos sociológicos basilares ao entendimento de como a identidade dos indivíduos é construída e

reconstruída em sua socialização. Posteriormente, é descrito o percurso metodológico empregado para a realização do presente estudo. Em seguida, os dados coletados são analisados a partir de duas eixos temáticos: a primeira diz respeito aos aspectos procedentes do grupo familiar de origem, aqueles herdados pelas mulheres rurais em sua socialização primária, enquanto que, a segunda se refere ao perfil identitário das integrantes da rede, os quais podem se enquadrar em matrizes de gênero baseadas em modelos mais conservadores ou progressistas. Estas matrizes de gênero foram concebidas com base no tipo ideal weberiano.

2 A Construção da identidade

De forma geral, para dizer quem somos apoiamos-nos em referenciais advindos da nossa condição de classe, etnia, raça, gênero e sexualidade. Na segunda metade do Século XX tornam-se mais perceptíveis as mudanças estruturais provocadas pela modernidade líquida (Bauman, 2001). Estas têm transformado as sociedades progressistas, seja no âmbito urbano ou rural, fragmentando seus arcabouços valorativos de sustentação, dando espaço para que os indivíduos construam as suas identidades de forma cada vez mais performática (BUTLLER, 2015). Assim sendo, a partir deste novo contexto global, a identidade social de homens e mulheres não deveria mais ser vista como estabelecida e fixa, diante da intensidade das influências culturais recebidas pelos indivíduos em meio a sua interação social.

Na perspectiva de Dubar (2005), a identidade social é concebida a partir de dois processos de construção do *self*: o processo interno da identidade para si e o processo externo da identidade para o outro. A “identidade para si” pode ser compreendida como um processo biográfico e constante, uma espécie de pertencimento reivindicado, ou seja, revela como os próprios sujeitos se percebem e se definem nas relações sociais. Já a “identidade para o outro” refere-se a um processo relacional de atribuição de identidades pelos outros significativos. Este tipo de identidade revela como os sujeitos são percebidos, compreendidos e categorizados pelas instituições e agentes estruturantes presentes em sua socialização. Segundo o autor, tal dualidade seria dada nos diversos processos de

socialização e se articularia com base em dois mecanismos de identificação: os “atos de atribuição” e os “atos de pertença”.

Os “atos de atribuição” seriam aqueles estabelecidos pelas instituições e agentes que estão em interação com os indivíduos e que buscam determinar, de maneira estruturante, que tipo de mulher ou homem nós deveríamos ser. Para Dubar (2005), este processo expressaria a nossa identidade para o outro. Já os “atos de pertença” se refeririam à forma pela qual os indivíduos aceitam ou não, as identidades que lhes são estabelecidas. A partir destes atos de pertença, mulheres e homens afirmariam o seu modelo de ser, isto é, a identidade para si (DUBAR, 2005). Estes dois mecanismos, apesar de interconectados, não atuariam, necessariamente, de forma harmônica, podendo haver dissenso entre a identidade construída para si e a identidade construída para o outro.

Com base nesta interpretação do processo de construção da identidade, seria possível se perceber, inclusive, a reconstrução das identidades herdadas mediante a influência de novos ambiente de socialização na vida adulta. Segundo Dubar (2005) tal processo poderia assumir duas formas: uma objetiva e outra subjetiva. A primeira se referiria à relação externa entre os indivíduos e seus outros significativos. Neste processo, os indivíduos buscariam acondicionar de forma objetiva e estruturante a “identidade para si” à “identidade para o outro”, produzindo uma espécie de coesão social por meio da assimilação das identidades que lhes são atribuídas. Já a forma subjetiva estaria relacionada a um processo interno aos sujeitos e que se segmenta entre o dever de preservar traços de identidades herdadas e o desejo de estabelecer novas identidades - aquelas visadas em meio à socialização, principalmente, no universo do trabalho.

Assim, com base nas concepções de Dubar (2005), os indivíduos constroem suas identidades a partir: *i) das identidades sociais herdadas* de sua geração anterior; *ii) das identidades adquiridas na socialização primária* em meio ao universo familiar e escolar; *iii) das identidades adquiridas na socialização secundária* em meio ao universo do trabalho e da capacitação. Por conseguinte, os indivíduos teriam como alternativa: consolidar e reproduzir as identidades herdadas e atribuídas ou, não reconhecer tais identidades, rompendo tal concepção e produzindo novas identidades por meio de identidades visadas.

Analisando a construção da identidade a partir da perspectiva de gênero, Butler (2015) busca compreender a forma como a mesma é construída, destacando em sua análise uma lente interpretativa voltada para a construção identitária que a observa não como parte da essência de um sujeito, mas como produto de ações e comportamentos flexíveis, como “atos de gênero”. Na perspectiva da autora, a performatividade de gênero das mulheres lhes possibilitaria não só romper com as condições impostas pela sociedade, mas, também, transpor as visões tradicionalistas acerca do papel da mulher na sociedade. A participação da mulher rural em organizações coletivas do campo poderia, assim, ser concebida como um “ato de gênero”, com potencial para reformular identidades de gênero de cunho tradicional. Estas mulheres rurais, ao conviverem com referências culturais que lhes propiciam a sua maior autonomia, como por exemplo, quando viajam sozinhas para participar de cursos de capacitação, quando experimentam o desafio de falar em público, quando se tornam membros de uma organização coletiva, quando assumem um cargo, dentre outras tantas vivências por elas experimentadas, estas mulheres estão desenvolvendo a sua capacidade performática. Assim, a participação em organizações coletivas pode lhes favorecer a absorção de novos modelos identitários alinhados aos valores e padrões de conduta da organização da qual fazem parte e, assim investirem em sua identidade para si.

Compreende-se aqui que, o ato de participar de uma organização coletiva se constitui em uma oportunidade para que estas mulheres rurais se insiram em um processo socializador capaz de lhes propiciar o desenvolvimento de novas capacidades, como o ato de falar e se expressar em público, o pensamento reflexivo por meio de debates e deliberações e também a valorização de sua identidade para si e para os outros significativos. Concebe-se, assim, através da elaboração deste marco teórico, que a performance nas organizações coletivas pode propiciar às mulheres rurais a experiência de absorverem valores mais críticos e voltados para a busca da igualdade nas relações de gênero e pelo respeito às diferenças e a pluralidade identitária.

3 Procedimentos Metodológicos

Buscando verificar a hipótese elaborada neste artigo, que afirma que a efetiva participação das mulheres rurais em Redes de organizações coletivas pode contribuir para que as mesmas legitimem referências de mundo e modelos identitários mais modernos, bem como possam ampliar a sua inserção no mundo público, se utilizou uma abordagem mista entre métodos de análises qualitativos e quantitativos. Assim, esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa descritiva-analítica. Os métodos mistos se referem à coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, onde as informações são coletadas de forma concomitante ou sequencial (Creswell et al., 2003). A utilização de métodos mistos, segundo Gray (2016), permite que os pesquisadores generalizem suas análises a partir de uma amostra ou população, proporcionando uma visão mais rica e contextual do fenômeno a ser pesquisado.

Os dados analisados foram obtidos a partir da aplicação de questionários e entrevistas em profundidade entre o período de março e maio de 2017. Os questionários aplicados tiveram como objetivo não somente levantar dados relativos ao contexto das organizações e das integrantes da RedMu, mas também obter elementos empíricos para a observação dos aspectos constituintes de identidades conservadoras e progressistas elaboradas com base no tipo ideal weberiano¹¹ (1946, 1982, 1995). Nas entrevistas em profundidades buscou-se um relato da história de vida das mulheres rurais a partir de sua participação na rede. A população da organização analisada, atualmente, é formada por 200 mulheres rurais, divididas entre os dezoito grupos que compõem seu universo. Desta forma, o cálculo de amostragem buscou atingir um nível de confiança de 90%, com margem de erro de 5%. Abaixo segue a fórmula de amostragem utilizada:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

n - amostra calculada

N - população

Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento

¹¹ Instrumento de análise sociológica para o entendimento da sociedade.

e - erro amostral

Os cálculos indicaram a necessidade da realização de 115 entrevistas, número este que foi alcançado e ultrapassado a partir da aplicação de 127 questionários divididos entre as dezoito organizações. Como estratégia de pesquisa, adotou-se a opção de seguir o calendário de atividades elaborado pela RedMu para, assim, aplicar os questionários com as integrantes que participaram das atividades. Desta forma, os dados foram levantados de forma aleatória, não buscando uma amostragem por grupo e sim contemplar a amostra da RedMu como um todo. Abaixo na tabela 1 apresentada a descrição dos questionários aplicados por grupo:

Tabela 1 – Frequência de questionários aplicados por grupo.

| | Frequência | Porcentagem% |
|-------------------------------------|-------------------|---------------------|
| Capalgui | 2 | 1,6 |
| Ceibocop | 8 | 6,3 |
| Gardel | 9 | 7,1 |
| Pedernal | 7 | 5,5 |
| Tapia | 9 | 7,1 |
| Las manos que hablan | 7 | 5,5 |
| Manos de Totoral | 6 | 4,7 |
| Manos del Uruguay | 7 | 5,5 |
| Milenrama | 9 | 7,1 |
| MTEA | 8 | 6,3 |
| Mucachi | 8 | 6,3 |
| Mucatra | 7 | 5,5 |
| Murumi | 6 | 4,7 |
| Mujeres rurales de San Ramón | 11 | 8,7 |
| MARLEF | 8 | 6,3 |
| GO y Sa | 4 | 3,1 |
| Mujeres rurales de San José | 6 | 4,7 |
| Por um futuro mejor | 5 | 3,9 |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de pesquisa, 2017.

Após o levantamento dos dados procedeu-se a tabulação dos mesmos por meio da estatística descritiva, em um delineamento de pesquisa tipo Survey que permitiu à descrição e sumarização das informações coletadas. Para tanto empregou-se uma Análise Exploratória de Dados (AED) para obtenção de um diagnóstico descritivo simples e objetivo sobre as variáveis. De acordo com Triola (2005) a AED é um processo de uso das ferramentas estatísticas, tais como

gráficos, medidas de centro e medidas de variação para investigar conjuntos de dados com o objetivo de compreender e descrever suas características importantes antes da aplicação das técnicas estatísticas. Durante a realização deste procedimento, é possível obter uma visão panorâmica sobre os dados, o que permitiu compreender a relação existente entre as variáveis analisadas e identificar dados faltosos e outliers.

Em seguida, empregou-se o coeficiente de contingência para verificar a associação entre o nível educacional e religiosidade dos pais das mulheres rurais com a escolaridade e crença religiosa das mesmas, visualizando se tais aspectos foram transmitidos do núcleo familiar de origem para as integrantes da rede em sua socialização primária. O coeficiente de contingência é utilizado para relacionar variáveis em nível nominal, não exigindo nenhuma suposição quanto à forma da distribuição populacional dos escores, sendo necessário, apenas, que a variável seja medida em nível nominal. Para calcular o coeficiente de contingência C os dados foram ser apresentados em uma tabela de contingência, sendo divididos em categorias, isto é, a tabela foi do tipo $k \times r$, onde k representa o número de colunas e r o número de linhas. Abaixo é apresentada a formula utilizada para o cálculo do coeficiente de contingência C :

$$\sqrt{\frac{x^2}{x^2+n}}$$

O coeficiente C não alcança o valor 1, sendo assim, usualmente apresentado na sua forma ajustada para que possa seu valor possa variar de 0 a 1, ou seja:

$$\sqrt{\frac{tx^2}{(t-1)(x^2+n)}}$$

Segundo classificação de Barbetta (2001, pg. 261) para o coeficiente de contingência, os valores C indicam:

- i)* $C^* \approx 0 \Rightarrow$ associação fraca
- ii)* $C^* \approx 0.5 \Rightarrow$ associação moderada
- iii)* $C^* \approx 1 \Rightarrow$ associação forte

Posteriormente, realizou-se um cálculo de representatividade dos indicadores que compõem as matrizes de identidades de gênero progressistas e conservadoras para assim, verificar a relevância dos aspectos característicos de cada uma das matrizes elaboradas. Abaixo segue a fórmula utilizada para calcular a representatividade de cada um dos indicadores utilizados:

$$\frac{\text{Frequência indicador 1} + \text{Frequência indicador 2} + \text{Frequência indicador 3}}{\text{Amostra} \times \text{número de indicadores}}$$

Para a realização dos testes acima descritos, foi utilizado o software gratuito PSPP - (Public Sector Purchase Programme), versão gratuita para análise estatística. Os testes realizados permitiram analisar a forma com a qual as mulheres rurais integrantes da RedMu tem construído suas identidades de gênero em um ambiente de socialização marcado pelo trabalho coletivo e comunitário.

4 Análise dos resultados

Apresenta-se, primeiramente, os aspectos descritivos das integrantes da Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias (RedMu), a fim de caracterizá-las, em seguida, buscou-se ilustrar aspectos referentes a socialização primária de tais mulheres, verificando sua associação com características de seu núcleo familiar de origem. Por fim, buscou-se por meio da construção de matrizes de identidades de gênero, analisar se participar da RedMu se configura como um espaço socializador capaz de ressignificar a construção das identidades de gênero de suas integrantes. No que diz respeito aos dados socioeconômicos levantados nos questionários, relativos ao local de moradia, à idade, ao estado civil, ao nível educacional, à ocupação e a renda, traçou-se o perfil das mulheres participantes da RedMu.

Tabela 2 – Departamento de Origem

| Departamento de Origem | Frequência | Porcentagem% |
|-------------------------------|-------------------|---------------------|
| Canelones | 97 | 76,38 |
| Cerro Largo | 1 | 0,79 |
| Florida | 12 | 9,45 |

| | | |
|--------------|------------|------------|
| Maldonado | 3 | 2,36 |
| Salto | 1 | 0,79 |
| San José | 11 | 8,66 |
| Tacuarembó | 2 | 1,57 |
| Total | 127 | 100 |

Fonte: Elaborado com base em dados de pesquisa, 2017.

Percebe-se, na tabela anterior, que a maior parte das integrantes da RedMu estão situadas predominantemente no departamento de Canelones, Flórida e San José, os quais encontram-se localizados na região sul do país, a qual apresenta características de um campo mais moderno, em que a aproximação em relação às influências advindas da cidade se estreita cada vez mais e aumenta a integração social e comunitária (PELLEGRINO E GONZÁLEZ, 1995). Em relação à idade, Paredes (2014) ilustra que existe uma forte feminização do envelhecimento no Uruguai, a qual está relacionada ao fato de que as mulheres uruguaias têm uma maior esperança de vida do que os homens, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística¹².

Tabela 3 – Faixa etária das integrantes da RedMu.

| Idade | Frequência | Porcentagem% |
|---------------------|-------------------|---------------------|
| 36 a 45 anos | 6 | 4,72 |
| 46 a 55 anos | 10 | 7,87 |
| <i>56 a 65 anos</i> | <i>55</i> | <i>43,31</i> |
| <i>66 a 75 anos</i> | <i>50</i> | <i>39,37</i> |
| 76 a 85 anos | 6 | 4,71 |
| Total | 127 | 100 |

Fonte: Elaborado com base em dados de pesquisa, 2017.

De maneira geral, as integrantes da RedMu estão situadas entre a faixa etária de 56 a 75 anos. Segundo Wilson (1996) após os 50 anos os laços de controle sobre a mulher se afrouxam, em função da imagem da sua feminilidade construída com base no seu período fértil se descaracterizarem. Segundo Wilson seria como, nesta fase, ocoresse um processo de masculinização da mulher. Assim, ao avançar em sua idade, as mulheres ampliaram o seu espaço de ação (WILSON, 1996: 149). Desta forma, a própria idade poderia ser considerada uma variável concorrente da

¹²Expectativa de vida para homens: 74,1 anos e para as **mulheres**: 80,5 anos. Series históricas, Estimaciones y proyecciones, revisión 2013, “Fecundidad y mortalidad, 1996-2050”. Instituto Nacional de Estadística de Uruguay. Disponible on line: <http://www.ine.gub.uy/web/guest/estimaciones-y-proyecciones>.

participação na RedMu, em termos de se considerar a evidência do empoderamento que estas mulheres expressam. Na velhice, estereótipos de gênero não teriam mais tanto poder de constrangimento em grandes áreas da vida cotidiana. Desta forma, os papéis de mãe e esposa se flexibilizariam, propiciando maior espaço para a liberdade da mulher. A viuvez feminina no meio rural acaba por se constituir também em fator que impulsiona a adoção de práticas mais autônomas. Viver sozinha significa ter autonomia na tomada de decisões sobre seu próprio dinheiro (CUNS e SOLARI, 2016). Neste sentido, o envelhecimento e a condição de viúva se constituiriam também em forças impulsionadoras do maior empoderamento da mulher rural. Seria, assim, possível pensar em uma composição de fatores favoráveis à socialização das mulheres rurais, com uma maior participação na esfera pública e com maior tempo ‘livre’ para se dedicar a suas atividades pessoais e produtivas. Já a tabela 4 apresentada a seguir permite se observar o estado civil das mulheres entrevistadas.

Tabela 4 – Estado civil das integrantes da RedMu

| Estado Civil | Frequência | Porcentagem% |
|---------------------|-------------------|---------------------|
| Solteira | 5 | 3,94 |
| Casada | 74 | 58,27 |
| União Estável | 12 | 9,45 |
| Separada/Divorciada | 9 | 7,09 |
| Viúva | 27 | 21,26 |
| Total | 127 | 100 |

Fonte: Elaborado com base em dados de pesquisa, 2017.

A tabela 4 explicita que a mulheres rurais integrantes da RedMu encontram-se, em sua maioria casadas. Contudo, somando-se as mulheres em situação de viuvez, separadas e solteiras observa-se que estas totalizaram pouco mais do que 30%, o que indica um percentual significativo. Ao participar de uma organização coletiva, seja ela de caráter produtivo, social ou político, a mulher rural ocupa espaços para além da esfera doméstica, o que acarreta, muitas vezes, a necessidade de redistribuição dos afazeres domésticos com seus pares e uma reorganização das relações de gênero em âmbito familiar (VITELLI, 2013). Segundo Calvo (2015), no que tange a situação de viuvez, no meio rural do Uruguai, os dados apontam para o fato das viúvas representarem dois terços dos lares habitados por somente uma pessoa no campo, o que pode ser verificado, também, na amostra

analisada. Com relação ao nível educacional, as mulheres rurais que participam da rede apresentam *predominância no nível secundário (incompleto e completo) de formação*, conforme observado na tabela 5.

Tabela 5 – Nível Educacional integrantes RedMu.

| Nível Educacional | Frequência | Porcentagem% |
|---------------------------------------|-------------------|---------------------|
| Educação primária incompleta | 12 | 9,45 |
| <i>Educação primária completa</i> | <i>36</i> | <i>28,35</i> |
| <i>Educação secundária incompleta</i> | <i>37</i> | <i>29,13</i> |
| <i>Educação secundária completa</i> | <i>33</i> | <i>25,98</i> |
| Educação superior incompleta | 4 | 3,15 |
| Educação superior completa | 3 | 2,36 |
| Especialização | 2 | 1,57 |
| Total | 127 | 100 |

Fonte: Elaborado com base em dados de pesquisa, 2017.

Esta predominância na formação em nível secundário, também constatada por Vitelli (2003), favorece a estratégia de atuação da RedMu que busca capacitar as suas integrantes para que as mesmas possam disseminar o conhecimento adquirido e avançar na qualificação das mulheres rurais de suas comunidades. No que se refere à ocupação de tais mulheres, as atividades por elas citadas foram categorizadas em: atividades manuais, agrícolas, não agrícolas, combinação de atividades agrícolas/manufaturadas e por fim atividades comerciais. A tabela 6 apresenta a ocupação das integrantes da RedMu.

Tabela 6 – Ocupação

| Categoria | Ocupação | Total |
|---------------------------------|---|--------------|
| Atividades Manuais | Jardinagem - 3,15% | 3,15% |
| Atividades Agrícolas | Horticultura - 22,05%; Trabalhador Rural (frutas e horticultura) - 2,37% Granja de Frango - 1.57% | 26% |
| Atividades não agrícolas | Corte/Costura - 18.12% Trabalho comunitário - 7.09% Professora (inglês, docente aposentada, corte e costura) - 5.52%. Dona de casa (cuidar neto e da casa) - 5.52% Artesanato - 3.94% Diretora RedMu - 0.79 % Música - 0.79% Pintura em tela - 0.79% | 44,14% |

| | | |
|----------------------------------|---|--------|
| | Aposentada - 0.79% | |
| | Desfrutar a vida 0.79% | |
| Produção de Manufaturados | Tecelagem de lã - 6.30% | |
| | Doces, compotas e conservas - 3.94% | 11,82% |
| | Produção de pães e tortas - 0.79% | |
| | Produtos Lácteos - 0.79% | |
| Atividade Comercial | Feirante (horticultura, doces e compotas e flores) 7.87%. | 7,87 |

Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Destaca-se no quadro referente às ocupações a expressividade das atividades não agrícolas, que somadas aquelas relativas à produção de manufaturados e às atividades comerciais, corresponde a mais de 60% das ocupações. Contudo, a horticultura, produção em que, segundo Riella e Florit (2011), predomina um modelo de trabalho familiar, com alta intensidade de trabalho por hectare e no qual a região sul do Uruguai tem produção relevante, destaca-se, também. Já as atividades agrícolas associadas às manufaturadas ilustram uma tendência descrita nos estudos de Bálsamo (2013). Segundo o autor, estas atividades produtivas nas quais as mulheres rurais uruguaias participam, mesmo quando remuneradas, são percebidas como uma extensão das suas atividades domésticas ou até mesmo como uma reprodução de seu papel familiar na esfera produtiva.

No que diz respeito às atividades comerciais, das quais 7% das mulheres rurais integrantes da RedMu participam, por meio das feiras locais, como o Mercado de Cercanias, localizado em Atlántida, percebe-se que as integrantes da rede conseguem inserir os seus produtos no mercado local e aumentar a sua participação na esfera pública e mercadológica. O espaço da feira pode se constituir como um meio no qual as mulheres rurais disputam e assimilam capitais tidos como masculinos pela cultura (VITELLI, 2003). Mediante as atividades realizadas pelas mulheres rurais que participam da RedMu levantou-se, também, a sua renda mensal. Ressalta-se que 35% das entrevistadas optou por não responder este item.

Tabela 7 – Renda mensal média em pesos uruguaios \$U.

| Renda | Frequência | Porcentagem% |
|-----------------------|-------------------|---------------------|
| \$U1.000 a \$U5.000 | 0 | 0 |
| \$U6.000 a \$U10.000 | 20 | 15,75 |
| \$U11.000 a \$U15.000 | 47 | 37,0 |
| \$U16.000 a \$U20.000 | 11 | 8,65 |

| | | |
|-----------------------|---|------|
| \$U21.000 a \$U25.000 | 4 | 3,0 |
| \$U26.000 a \$U50.000 | 1 | 0,79 |

Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Segundo dados do Ministério de Trabalho e Seguridade Social do Uruguai (MTSS, 2017), o salário mínimo para o trabalhador rural não pode ser menor que o salário mínimo nacional, o qual atualmente é de \$U12.265,00 pesos mensais, o que equivaleria a R\$1.489,39. Os dados apresentados na tabela anterior demonstram que 15,75% das entrevistadas disseram ter uma renda inferior a um salário mínimo, tal como o constatado por Mascheroni (2016). O autor, com base nos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), analisou a situação de vulnerabilidade das mulheres no campo e observou que 42,9% das mulheres rurais possuíam uma renda inferior ao salário mínimo nacional. Alicerçado no perfil socioeconômico das integrantes da RedMu, busca-se, no tópico seguinte, verificar se a socialização secundária das mulheres rurais uruguaias na RedMu media processos marcados por uma visão social de mundo mais pluralista e flexível no que diz respeito às formas de se pensar e de ser mulher no campo.

4.1 Fragmentos de uma Socialização Primária

Vasta é a literatura que ilustra a força da socialização primária na construção das identidades dos indivíduos (BERGER E LUCKMAN, 1991; DUBAR, 2005). Esta primeira fase da socialização, marcada pela aprendizagem de saberes socioculturais básicos como as normas/regras sociais e a linguagem, produz um primeiro delineamento identitário dos sujeitos a partir do contato com seu núcleo familiar de origem. Por meio da interação com a família os indivíduos são levados a assimilar os saberes básicos de sua cultura e, desta forma, as disposições sociais apreendidas no âmbito familiar podem se perpetuar ao longo do tempo se instalando no modo de ver e de agir dos indivíduos na sociedade. Os autores Berger y Luckmann (1991), enfatizam a força da socialização primária na construção da identidade dos indivíduos, visto que, na perspectiva dos autores, seria nesta fase que os sujeitos construiriam primeiramente o significado de sua realidade social.

Assim, neste tópico busca-se ilustrar alguns aspectos inerentes à socialização primária das integrantes da RedMu tais como, local de moradia na infância, nível educacional/local de estudo, crença religiosa e ocupação, verificando-se, por meio

do coeficiente de contingência¹³, se as características adquiridas na infância com a família de origem perpetuam-se ao longo do tempo nas suas vidas. Os dados revelaram que 92,91% das mulheres rurais analisadas viveram no campo durante a sua infância. Destas 74% disseram ter vivido em propriedade de posse da família enquanto que 26% afirmaram ter morado em propriedade do empregador ou em regime de arrendamento. A vida no campo por si só já traz particularidades no que se refere ao processo de socialização. O isolamento social derivado da pequena densidade populacional do país, cerca de 20 pessoas por km², faz com que a interação social seja pequena, favorecendo o maior poder socializador para agentes como o núcleo familiar, a igreja e a escola. Tais instituições, segundo Kergoat (2003) difundiam até meados do Sec. XX, uma cosmovisão tradicional, com base na qual a divisão social do trabalho no campo, desde a infância, já conferia espaços destinados aos homens e as mulheres com base em uma cultura de dominação masculina que instituía ao homem o âmbito produtivo e à mulher a esfera reprodutiva.

Assim, buscou-se verificar se haveria uma associação entre o nível educacional do núcleo familiar de origem com a escolaridade das mulheres rurais analisadas. Os dados mostraram que o coeficiente de contingência apresentou um escore de 0,652 para a associação relativa à escolaridade do pai e, um escore de 0,701 no que se refere ao nível educacional da mãe. Tais valores, com base na classificação de Barbetta (2001) indicam uma forte associação entre as variáveis descritas. Os dados alcançados apontam para uma reprodução do nível educacional dos pais em suas filhas (mulheres rurais integrantes da rede). Das 127 mulheres rurais integrantes da rede analisada, 120 disseram ter estudado em escola rural, 5 em escolas urbanas e 2 em escolas de formação religiosa. Constata-se, assim, que o ambiente de socialização das crianças na escola rural circunscreve-se a um ambiente socializador primário, em nível local. Desta forma, a interação mais ampla dos sujeitos não se efetiva, ficando limitada por modelos identitários compatíveis com o contexto local. A coesão social no que tange aos valores e as expectativas de comportamento fica, portanto, circunscrita à cultura local.

¹³ O coeficiente de contingência quantifica o relacionamento entre duas ou mais variáveis de escala nominal, $C =$

$$\sqrt{\frac{x^2}{x^2+n}}$$

Já no que se refere à perpetuação de valores e crenças religiosos, o coeficiente de contingência apresentou um escore de 0,771 de associação entre a religião do núcleo familiar de origem e a religião seguida atualmente pelas mulheres rurais analisadas. Tal valor indica uma associação forte com base na classificação de Barbetta (2001). A religião apreendida no contato com a igreja e cultos religiosos, os quais se dão geralmente ainda no período da infância com rituais como os de batismo e eucaristia, perpetuou-se na vida adulta das integrantes da RedMu, ou melhor dizendo, a religião do núcleo familiar de origem permanece presente na religião das mulheres rurais analisadas. Salienta-se, ainda, que 74% das mulheres rurais integrantes da rede recebeu algum tipo de educação religiosa na infância, o que auxilia na compreensão como tais aspectos transmitidos no processo de socialização primária tiveram força para permanecer ao longo da vida destas mulheres rurais como uma referência para elas.

Contudo, Berger e Luckmann (2005) apontam que a socialização secundária pode impactar a socialização primária na medida em que as identidades 'anteriores' passam a conviver com as identidades 'construídas', principalmente, no ambiente do trabalho. Segundo os autores, as mudanças geradas na segunda fase da socialização pressionariam os indivíduos a (re)construírem as suas identidades, adaptando-as a um novo conjunto de regras e valores sociais. No universo do trabalho e das instituições, os sujeitos adquirem conhecimentos específicos, assimilam outras formas de pertencer à sociedade e adquirem novos repertórios de interpretação da sua realidade social. Este contraste, entre os valores construídos na socialização primária com os valores assimilados na socialização secundária, dá aos indivíduos novas alternativas de ver e vivenciar o seu mundo. Por exemplo, a participação das mulheres rurais em organizações coletivas do campo apresenta-lhes o conhecimento acerca de aspectos administrativos, produtivos e sociopolíticos que podem impactar nos valores construídos na socialização primária. Assim, no tópico a seguir serão analisadas as identidades de gênero com base na elaboração de tipos ideais weberianos voltados para visualizar o tipo de direcionamento identitário convergente com os valores e visões de mundo manifestados pelas mulheres rurais.

4.2 Matrizes de Identidades de Gênero Progressistas e Conservadoras

A célebre frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir, explicita como as características associadas tradicionalmente à condição feminina derivam menos de imposições naturais e biológicas e mais de construções sociais disseminadas pela cultura. Neste sentido, em seu livro: “O segundo Sexo”, a autora constrói a sua argumentação acerca do que é ‘ser mulher’, argumentando a importância da relação de alteridade com o ‘ser homem’ para a construção do ‘ser mulher’. Com base nesta linha de pensamento, a autora questiona a construção social a respeito do que ela chama de ‘eterno feminino’, ou seja, algo intrínseco a qualquer mulher e que assim, as prenderia a uma série restrita de características como a maternidade, a dedicação ao lar e as atividades domésticas (BEAUVOIR, 1949).

Tais concepções crítica de Beauvoir (1949) acerca do eterno feminino, argumentando em defesa de uma identidade que se constrói histórica e socialmente, utilizou-se neste trabalho da elaboração de matrizes de tipos ideais de identidades de gênero, conservadoras e progressistas, que pudessem auxiliar o pesquisador a perceber a direção do enquadramento de gênero, mais manifesto na visão social de mundo das mulheres rurais participantes da RedMu. O tipo ideal Weberiano foi elaborado como uma ferramenta de aproximação dos valores e da visão social de mundo manifestada pelas mulheres em relação a modelos identitários mais progressista ou conservador construídos com base na literatura, para captar tendências de enquadramento. Cabe ressaltar que, para Weber (1946, 1982, 1995), o termo ‘ideal’ não tem caráter avaliativo e nem compromisso com a realidade, mas, sim, tem a intensão de auxiliar na sua compreensão.

Desta forma, os tipos ideais de identidade de gênero progressista e conservadora elaborados, não correspondem empiricamente a quem são, de fato, as mulheres rurais uruguayas, mas, sim, a tipos fictícios de mulher, moldados a partir de traços identitários exagerados, utilizados como um referencial para observar a direção em que mais se enquadra a visão social de mundo destas mulheres. As identidades de gênero ‘progressistas’ ou ‘conservadoras’, na qualidade de tipos ideais, não condizem, assim, à realidade concreta, mas possibilitam acentuar características historicamente construídas. Utilizou-se na definição de “conservador” e “progressista” da concepção de Manheim (1986). Segundo o referido autor, o

pensamento varia de acordo com a posição dos indivíduos na sociedade, expressando “estilos de pensamento” que possuem significações distintas entre um contexto histórico e outro. Assim, na visão de Manheim (1986, p.104), os “estilos de pensamento” retratam diferentes modos de olhar a vida, possuindo de forma geral, um caráter “conservador” ou “progressista”, ou até mesmo, “traços conservadores e progressistas” de forma concomitante. Em suma, segundo Manheim (1986), a principal característica da “forma de pensamento conservadora” de assimilar a realidade é a de perceber o presente a partir de seu passado. Assim, a própria percepção do futuro seria marcada por referências do passado, revelando uma maneira de olhar para frente com as lentes do passado, ou seja, pelo retrovisor. Já o “modo progressista” de apropriar-se da realidade teria como marca distintiva a consideração do presente como o começo do futuro. O novo não representaria, assim, uma ameaça, mas um desejo de mudança. Desta forma, Manheim destaca que enquanto o modo de “pensamento conservador” possui características ligadas ao concreto, à tradição e ao particular, o “pensamento progressista” se diferencia pelo apego ao abstrato, ao hipotético e ao utópico. Isto posto, cabe ressaltar que tais estilos de pensamento podem auxiliar na percepção da direção que as mulheres rurais manifestam mirar a sua realidade, se olhando pelo retrovisor ou se lançando e se abrindo ao novo.

Com base em tais premissas, pode-se inferir que o tipo ideal construído de “mulher rural conservadora” traz consigo traços históricos de um modo de vida camponês, no qual o papel de homens e mulheres é definido a partir de uma divisão social do trabalho que relaciona o homem ao espaço público, à esfera da produção e da negociação e por outro, sentencia a mulher a esfera privada, do cuidado doméstico e familiar, excluída da disputa e do controle dos bens materiais e simbólicos. Neste contexto, se considera trabalho aquele ligado à esfera da produção, que demanda força e resistência, características associadas culturalmente ao homem. Em oposição, o trabalho produtivo da mulher é delimitado ao espaço da casa, à produção de autoconsumo, que se caracteriza como uma extensão das suas tarefas domésticas e familiares (PELUSO, 2013).

Tal contexto de dominação masculina pode ser percebido nos estudos de Niedworok (1986), Vitelli (2003), Chiappe (2002; 2006) e Peluso (2013), que ao analisarem a mulher rural uruguaia evidenciam aspectos específicos do seu

contexto, referências características do que se pode conceber como um tipo ideal de mulher rural com identidade de gênero conservadora. Com base nos estudos de tais autores, visualizam-se características gerais das mulheres rurais uruguaias como: mobilidade social reduzida, diversidade e fragmentação de seu trabalho produtivo, o qual se confunde com o trabalho doméstico e familiar, a falta de remuneração financeira e escassa interação social (NIEDWOROK, 1986; VITELLI, 2013; CHIAPPE, 2002:2006; PELUSO, 2013). Outro aspecto a ser considerado para a construção de um tipo ideal de mulher rural conservadora pode ser encontrado no trabalho de Mandl (1996) que ao estudar as mulheres produtoras de alimentos no Uruguai, aponta para a existência de uma aceção ‘masculina’ no que tange a tomada de decisões e ao uso da tecnologia para a produção. Segundo o autor este viés masculino é fruto de uma visão tradicionalista e patriarcal, que considera o homem como o ‘chefe’ da família e assim o alvo das ações de difusão e extensão de tecnologias ligadas à produção agrícola.

Tais fatores colaboram para a construção do que se concebe como uma mulher rural com identidade de gênero conservadora, porém, segundo Pellegrino e González (1995), podem-se perceber comportamentos diferentes de acordo com as áreas geográficas do Uruguai, havendo regiões mais ‘tradicionais’, situadas ao norte e noroeste uruguaio, e as mais ‘progressistas’, localizadas na região sul e no litoral oeste. Neste sentido, pode-se observar na literatura uruguaia características geográficas que apontam uma tendência a um tipo ideal de ‘progressista’ ou ‘conservador’, o qual revela em boa medida uma perspectiva marcada pela distância culturalmente existente entre o modo de vida do campo e da cidade. Aquelas regiões mais marcadas pelo isolamento apresentariam uma maior interação social e comunitária (VITELLI, 2003). Já a pesquisa realizada por Bálamo (2013) nos micro empreendimentos liderados por mulheres rurais exemplifica características por elas desenvolvidas que contrastariam com o tipo ideal conservador de uma mulher rural, podendo ser enquadrada em um tipo ideal de ‘mulher rural progressista’, em virtude destas possuírem renda, terem uma mobilidade espacial frequente e participarem na esfera pública com a comercialização e inserção de seus produtos no mercado. A tabela 8 apresenta, de forma resumida, as características encontradas na literatura que possibilitaram a elaboração de matrizes conservadoras e progressistas de identidades de gênero.

Tabela 8 – Matrizes Conservadora e Progressista de identidades de gênero.

| Identidade de Gênero Conservadora | Identidade de Gênero Progressista |
|--|---|
| Esfera Doméstica/Familiar | Esfera Pública |
| Não possui renda/Trabalho não remunerado | Renda/Poder de compra |
| Baixo deslocamento/Interação Social | Alto deslocamento/Interação Social |
| Valores e Ideologias Tradicionais | Valores e Ideologias Progressistas |
| Baixo acesso a meios de informação/comunicação | Alto acesso a meios de informação/comunicação |

Fonte: Elaboração do autor com base em estudos de (NIEDWOROK, 1986; VITELLI, 2013; CHIAPPE, 2002:2006; BÁLSAMO, 2013; PELUSO, 2013).

Observa-se no quadro anterior que o tipo de mulher rural conservadora traz consigo marcas históricas do patriarcalismo e o tipo ideal progressista, apresenta características de uma mulher rural que busca romper com seu isolamento social, participando da esfera pública e dando visibilidade a suas ações. Fundamentado em tal matriz, buscou-se perceber através da visão social de mundo das mulheres rurais que integram a RedMu uma tendência de enquadramento em perfis identitários de caráter progressista e conservador. As tabelas 9 e 10 apresentam os indicadores empíricos utilizados na pesquisa para construir o enquadramento no tipo conservador e no progressista. Utilizou-se, de forma separada, a relação de características retiradas da literatura que pudessem caracterizar o perfil conservador e progressista, analisando-se os percentuais de mulheres que se encaixavam em cada uma destas características. Estes percentuais permitiram o cálculo de representatividade¹⁴ de cada uma das características.

Tabela 9 – Identidades de Gênero Conservadoras

| IDENTIDADES DE GÊNERO CONSERVADORAS | | |
|--|----------------------|---------------|
| Aspectos referentes à participação | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Sem participação cívica para além da casa | 33,07% | 38,58% |
| Sem participação em atividades físicas, artísticas ou culturais. | 33,86% | |
| Sem atuação comunitária e voluntária | 48,82% | |
| Renda | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |

¹⁴ Cálculo de representatividade dos indicadores: $\frac{\text{Frequência } 1 + \text{Frq}2 + \text{Frq}3}{\text{Amostra} \times \text{número de indicadores}}$

| | | |
|--|----------------------|----------------|
| Não possui renda própria | 7,87% | 7,87% |
| Deslocamento/Interação Social | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Realiza viagens menos de uma vez ao ano | 9,45 | 26,51% |
| Vai ao parque menos de uma vez ao ano | 26,77 | |
| Vai a bares e clubes menos de uma vez ao ano | 43,31 | |
| Valores e Ideologias | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Opinião contrária ao aborto | 12,60 | 17,58% |
| Opinião contrária à legalização da marihuana | 36,22 | |
| Opinião contrária a união civil de pessoas de mesmo sexo | 3,93 | |
| Acesso a meios de informação | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Raramente ou nunca tem acesso a televisão | 2,36 | 2,36% |
| Raramente ou nunca tem acesso a internet | 3,94 | |
| Raramente ou nunca tem acesso ao rádio | 0,79 | |
| TOTAL MÉDIO | | 18, 58% |

Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

A tabela 9 possibilitou ao pesquisador perceber o percentual de mulheres que manifestava uma maior afinidade eletiva com um perfil tradicional de identidades de gênero. Observou-se uma minoria das mulheres rurais participantes da RedMu, 18,58% em média ou cerca de 24 das 127 integrantes, manifestavam afinidade com um perfil identitário com tendência ao modelo tradicional de mulher rural. No que se refere a cada um dos aspectos relacionados ao tipo ideal tradicional, as características que obtiveram maior impacto nesta matriz foram: a reclusão da mulher rural a esfera doméstica/familiar e o seu baixo deslocamento/interação social. Por outro lado, a tabela 10 apresenta os percentuais das mulheres rurais integrantes da RedMu que manifestaram ter maior afinidade eletiva com um modelo progressista identidades de gênero.

Tabela 10 – Identidades de Gênero Progressistas

| | | |
|---|----------------------|---------------|
| IDENTIDADES DE GÊNERO PROGRESSISTAS | | |
| Aspectos referentes à participação | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Participação em Associações (vizinhos, mulheres, pais e professores, dança e teatro e sociedade de fomento) | 66,93 | 61,41% |
| Participação em atividades físicas e culturais | 66,14 | |
| Participação voluntária e comunitária | 51,18 | |
| Renda | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |

| | | |
|--|----------------------|---------------|
| Renda Própria | 92,13% | 92,13% |
| Deslocamento/Interação Social | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Viagens mensais e anuais | 90,55 | 73,49% |
| Ir ao parque/prças mensal e anualmente | 73,23 | |
| Ir a bares e restaurantes mensal e anualmente | 56,69 | |
| Valores e Ideologias | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Opinião favorável ao aborto | 87,40 | 82,41 |
| Opinião favorável à legalização da maquiuaa | 63,78 | |
| Opinião favorável à união civil de pessoas de mesmo sexo | 96,07 | |
| Acesso a meios de informação | | |
| Indicador | Porcentagem % | TOTAL |
| Acesso diário ou quase diário a televisão | 97,64 | 97,63% |
| Acesso diário ou quase diário a internet | 96,06 | |
| Acesso diário ou quase diário ao rádio | 99,21 | |
| TOTAL MÉDIO | 81,41% | |

Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Observa-se na tabela 10 que a grande maioria das integrantes da RedMu, 81,41% ou 103 das 127 mulheres rurais manifestaram uma afinidade eletiva com um modelo identitário progressista. Em primeiro lugar, percebe-se por meio da tabela anterior, que é grande o engajamento cívico das integrantes da RedMu nos mais diversos tipos de organizações sociais para além da esfera doméstica e familiar. A participação das mulheres rurais em ações voluntárias e comunitárias e também em atividades físicas, artísticas e culturais lhes permite vivenciar um ambiente de socialização com grande interação social. A seguir apresenta-se algumas falas das integrantes do grupo Manos del Uruguay, que ilustram estes aspectos:

“A participação na rede tem me permitido me realizar de outra maneira. Eu ensino o meu grupo e a quem queira a tecer, fazer crochê, pois sonhava ser professora e como ia muito ao interior conhecer outros grupos, ia assim cumprindo meu sonho de ensinar. Eu divido o que aprendi em gestão e em questões financeiras, trato de apoiar, porque isso me enche a vida, até porque agora estou viúva e vivo sozinha. Então posso dedicar mais tempo a rede, em ajudar a comunidade, em participar de reuniões e cursos, creio que esta tenha sido a maior mudança em minha vida”.

Já no que se refere à renda, a grande maioria das integrantes da rede possui renda própria que, associada aos ingressos advindos da aposentadoria¹⁵ as permite

¹⁵ Dois terços da amostra analisada (95 das 127 integrantes da rede) disseram receber aposentadoria.

planejar seus futuros, ver a vida de uma nova forma e introduzir novas práticas em seus modos de vida, conforme demonstrado por Barros *et al* (2017). De certo, o poder de compra pode refletir no aumento da autonomia da mulher, reorganizando o processo de tomada de decisões e o modo de organização familiar. E no que tange a este aspecto, os bens materiais mais adquiridos pelas mulheres rurais integrantes da RedMu com a sua renda própria foram: lavadora, telefone celular, televisor, refrigerador e computador, respectivamente. No que concerne ao deslocamento e à interação social das integrantes da RedMu, percebeu-se que a grande maioria das entrevistadas realiza viagens frequentes, o que se deve a sua atuação na esfera pública como já descrito e também a atividades de lazer como passeios a praças e parques e idas a bares, restaurantes e clubes. Esta característica, conforme descrito por Vitelli (2003), é proporcionada pela diminuição do afastamento entre o campo e a cidade que permite um maior contato das mulheres rurais com modos de vida citadinos.

No que diz respeito aos aspectos relacionados aos valores e ideologias ditos 'progressistas', não se buscou fazer juízo de valor, mas, sim, compreender o posicionamento das mulheres rurais integrantes da RedMu acerca de questões sociopolíticas emergentes na modernidade, como a legalização do aborto, da maquiagem e da união civil de pessoas do mesmo sexo, que fizeram parte das acaloradas discussões vigentes no Uruguai, ao longo dos últimos anos. Os dados obtidos mostraram uma ampla aceitação das entrevistadas acerca das políticas progressistas estabelecidas no país. O conceito de Hodgson (2003), de "efeito reconstitutivo descendente" ajuda a compreender a forma como as disposições individuais e, conseqüentemente, os hábitos dos indivíduos podem ser afetados por ações de diferentes instituições, como o Estado, que por meio de políticas públicas como as de legalização do aborto, da união civil de pessoas do mesmo sexo e do consumo de maquiagem, pode oferecer oportunidades para que se desencadeie processos favoráveis à reconstituição de hábitos, visões de mundo e comportamentos. Por fim, no que tange ao acesso aos meios de informação e comunicação, constatou-se através das entrevistas realizadas que as mulheres rurais integrantes da RedMu faziam uso frequente do rádio, da televisão e da internet, o que demonstra sinais de um campo cada vez mais urbanizado, sobretudo, na região sul do Uruguai, a qual representou a maior parte da amostra analisada.

5 Considerações Finais

A Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias mostrou-se um ambiente socializador capaz de proporcionar acesso a parâmetros progressistas para as mulheres rurais, tais como: educação e capacitação, realização de viagens, acesso a mercados e por consequência acesso a renda, fatores estes que possibilitam repensar o modelo conservador de identidade de gênero no campo. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou, assim, realizar uma análise sobre como a participação das mulheres rurais na Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias (RedMu) pode contribuir na construção de novos modelos identitários por suas integrantes. De modo geral, visualizou-se que características como o nível educacional e a religião do núcleo familiar de origem das participantes da rede, lhes foram transmitidas em meio a sua socialização primária. Contudo, percebe-se que a identidade social de tais mulheres é construída, por cada uma delas, não somente com base nos modelos identitários herdados de seu núcleo familiar, mas também através das estratégias identitárias por elas desenvolvidas nas instituições sociais das quais fazem parte. Deste modo, foi possível notar um processo no qual, de forma lenta e gradual, as mulheres rurais vêm construindo suas identidades em consonância com os valores disseminados pela RedMu. Essa construção identitária constante, mostrou-se, na amostra analisada, permitir as mulheres rurais integrantes da RedMu esboçarem suas identidades em conformidade com modelos identitários mais alinhados a um estilo de pensamento progressista.

Assim, a hipótese formulada foi comprovada, pois percebeu-se que a participação na Rede de Grupos de Mulheres Rurais Uruguaias gerou impacto na forma como as mulheres rurais vivenciam as suas identidades de gênero. Ao ingressar no universo público, as participantes da RedMu assimilaram capitais que as habilitam a se repensarem como mulheres rurais, rompendo com seu isolamento social e gerando círculos de socialização mais amplos. Observou-se com base nos dados analisados, que as mulheres rurais integrantes da RedMu possuem identidades de gênero com tendência a um modelo progressista. Cabe ressaltar que tais identidades não são fixas, mas, sim, mutáveis, articulando aspectos herdados e

adquiridos, no processo de composição da “identidade para si” e da “identidade para o outro”.

6 Referencias Bibliográficas

BÁLSAMO, M. Microemprendimientos rurales y su repercusión en los roles familiares, desde una perspectiva de género. **Relaciones de género en el medio rural uruguayo: inequidades “a la intemperie**, 2013.

BARBETTA, P. A. (2001). **Estatística aplicada as Ciências Sociais**. 4 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC.

BARROS, V. A. M. de; FIÚZA, A. L. de C.; PINTO, N. M. de A. Habitus of social security in the lifestyles of rural families: the case of the São Miguel do Anta and Piranga municipalities in Zona da Mata Mineira, Brazil. **Ciência Rural**, v. 47, n. 6, 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BERGER E LUCKMAN. **A construção social da realidade**. 9. ed. Petropolis: 1991.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: 2015, 2015.

CALVO, J. J. (Coord.), 2015, “La transformación de los hogares vistas a través de los censos de 1996 y 2011”, **Fascículo 6. Atlas sociodemográfico y de la desigualdad del Uruguay**, Trilce, Montevideo.

CARNEIRO, M. J. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2013.

CARRICAT, Pedro. Cooperativas rurales y territorios en la región pampeana argentina. Transformaciones sociales, económicas y organizacionales. La Colmena 2000.

CHIAPPE, M. B. Las mujeres rurales del Uruguay en el marco de la liberalización económica y comercial. **CIEDUR**, 2002.

CHIAPPE-HERNÁNDEZ, M. Un camino colectivo de mujeres rurales hacia el desarrollo: la Asociación de Mujeres Rurales del Uruguay (AMRU). **Agricultura, sociedad y desarrollo**, v. 3, n. 1, p. 57-75, 2006.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos: Série Métodos de Pesquisa**. Penso Editora, 2015

CUNS, R. A.; SOLARI, S. S.. Cuidar en la vejez: desigualdades de género en Uruguay/Care in old age: gender inequalities in Uruguay. **Papeles del CEIC**, v. 2016, n. 1, p. 1, 2016.

DE BEAUVOIR, S. **El segundo sexo. Los hechos y los mitos**, v. 1, 1949.

DUBAR, C. Das “profissões” à socialização profissional. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, p. 163-191, 2005.

GALEANO, E. **El libro de los abrazos**. Siglo xxi, 2000.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Penso Editora, 2016.

KEGOART, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M., TEIXEIRA, M., NOBBRE, M., GODINHO, T. (Orgs.). Trabalho e cidadania para as mulheres: desafios para políticas públicas. São Paulo: **Coordenadoria Especial da Mulher**, 2003. p. 55-65

MANNHEIM. K. O Pensamento Conservador. In: MARTINS, J. de S. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. Cap. 4.

MASCHERONI, P.; RIELLA, A. La vulnerabilidad laboral de las mujeres en áreas rurales: Reflexiones sobre el caso uruguayo. **Rev. Cienc. Soc.**, Montevideo, v. 29, n.39, p.57-72, jul. 2016.

MANDL, B. (1996), **Las mujeres productoras de alimentos en Uruguay. Tecnología y comercialización**, San José de Costa Rica, IICA - BID.

NASCIMENTO, P. F. do et al. **Turismo rural nas montanhas capixabas: Como vivem e trabalham mulheres e homens em um campo em transformação**. 2013.

NIEDWOROK, N. La mujer rural: Familia y trabajo en el Uruguay. In FILGUEIRA, Nea (Comp.). **La mujer en el Uruguay: Ayer y hoy**. GRECMU –EBO: Montevideo. 1986.

PAREDES, M., 2014, “Las personas mayores en el Uruguay: el perfil sociodemográfico y los desafíos para las políticas públicas”, en **Notas de Población**, N° 98, pp. 41-74.

PAULILO, M. I.. "O peso do trabalho leve." **Revista Ciência Hoje** 5.28 (1987): 64-70.

PELLEGRINO, A.; GONZÁLEZ, S. **Atlas demográfico del Uruguay**. Montevideo: Fin de Siglo, p. 1-37, 1995.

PELUSO, I. Producción y reproducción en establecimientos ganaderos de tipo familiar. **Relaciones de género en el medio rural uruguayo: inequidades “a la intemperie**, p. 31, 2013.

POGGIO, S. Construcción de las identidades femeninas colectivas: mujeres blancas anglosajonas y mujeres de las minorías étnicas en los Estados Unidos. **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 251-274, 2015.

RIELLA, A.; FLORIT, P.; VITELLI, R. Estructura de clases y desigualdad en el Uruguay rural contemporáneo. **Espacio abierto**, v. 20, n. 4, 2011.

TRIOLA, M. F. (2005). **Introdução à estatística** (9 ed.). Rio de Janeiro: LTC.

VITELLI, R. **La situación de las mujeres rurales en Uruguay**. 2003.

_____. Un examen de las relaciones de género en el medio rural. **Relaciones de género en el medio rural uruguayo: inequidades “a la intemperie”**, 2013.

VITELLI, R.; BORRÁS, V. Las mujeres rurales durante el período progresista en Uruguay: Avances y tropiezos. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 29, n. 39, p. 73-90, 2016.

WILSON, G., 1996, “Yo soy los ojos y ella los brazos’: Cambios en los roles de género en la vejez avanzada”, en S. Arber y J. Ginn (Comps.), **Relación entre**

género y envejecimiento. Enfoque sociológico, Ediciones Narcea, Madrid, pp. 141-161.

WOORTMANN, E. Da complementariedade à dependência: a mulher, o tempo e o ambiente em comunidades pesqueiras do Rio Grande do Norte. **Brasília: UNB/Séria Antropologia**, 1991.

Considerações finais

A hipótese investigada nesta dissertação se construiu em torno de concepções teóricas que apontavam que a efetiva participação das mulheres rurais em Redes de organizações coletivas pode contribuir para que as mesmas legitimem referências de mundo e modelos identitários mais progressistas, bem como possam ampliar a sua inserção no mundo público. Com base na construção teórica desenvolvida, pode-se compreender a participação como um processo socializador capaz de atuar na mediação do processo de construção das identidades de gênero. A rede de sociabilidade da RedMu apresentou uma densidade que permitia e facilitava a interação social entre suas diferentes integrantes. Esta rede, articulada em torno de valores, objetivos e projetos voltados para a valorização e empoderamento da mulher rural, por meio de sua capacitação profissional e política, facilitou a disseminação dos conhecimentos entre as suas integrantes, nas suas localidades de origem. A conquista deste capital político lhes favoreceu apoio e reconhecimento de diferentes instituições públicas, bem como a ampliação do seu espaço de circulação, credibilidade, a ampliação do seu espaço de circulação, para além da esfera da propriedade e da comunidade.

Assim, constatou-se que as mulheres rurais que participam da RedMu constroem as suas identidades de gênero, na atualidade, amparadas em referenciais progressistas, desenvolvidos nas diferentes instituições sociais e comunitárias das quais fazem parte. Ao ingressar no universo público, as participantes da RedMu assimilaram capitais que as habilitaram a se repensar como mulheres rurais, rompendo com o seu isolamento social e gerando círculos de socialização mais amplos. Constatou-se, assim, que as identidades de gênero não são fixas, mas, sim, fluídas. A própria mulher rural participante da RedMu busca o reconhecimento entre a identidade para si, como agricultora, empreendedora, e a sua identidade para o outro, como mãe, esposa, avó.

APÉNDICE A - TERMO DE CONSENTIMIENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CARTA DE CONSENTIMIENTO LIVRE

El señor (a) es invitado (a) como voluntario (a) para participar en la investigación del título: **"La participación de las mujeres rurales uruguayas en organizaciones colectivas y las influencias para tu identidad de género"**. A través de la investigación, nuestro objetivo es comprender la importancia de las organizaciones colectivas como un espacio de desarrollo de la Mujer. Para esta investigación vamos a adoptar a los siguientes procedimientos: la aplicación de un cuestionario y la realización de entrevistas en profundidad con los participantes. El cuestionario tiene duración de cerca de 25 minutos y las entrevistas cerca de 5 minutos. Los riesgos involucrados en la investigación consisten en abordar temas que pueden afectar el ánimo de los entrevistados, de esta forma todas las cuestiones tratadas tendrán como opción la alternativa (prefiero no decir). La investigación contribuirá a tornar visible la potencia de las organizaciones colectivas como espacio de crecimiento y desarrollo de la mujer rural.

Para participar en este estudio el señor (a) no tendrá ningún costo o recibirá cualquier beneficio financiero. Sin embargo, en caso de identificado y comprobado algún daño como resultado de la investigación, el Sr. (a) está asegurado con derecho de compensación. Al señor (a) ha garantizado la plena libertad de negarse a participar o retirar su consentimiento en cualquier etapa de la investigación, sin previo aviso. Su participación es voluntaria y la negativa a participar no dará lugar a ninguna sanción o cambio en la forma en que se contesta el señor (a) por el investigador. Los resultados del estudio estarán a su disposición cuando haya terminado. Lo (a) Sr. (a) no será identificado (a) en cualquier publicación que puede resultar. Su nombre o el material para indicar su participación no serán liberados sin su permiso.

Este formulario de consentimiento se imprime en dos originales, uno de los cuales serán presentados por el investigador principal de la Universidad Federal de Viçosa y el otro se proporcionará al señor (a). Los datos y los instrumentos utilizados en la investigación serán archivados con el investigador responsable de modo permanente después del final de la investigación. Los investigadores tratarán su identidad con las normas de secreto y la confidencialidad profesional, dada la

legislación brasileña, en particular, la Resolución 466/2012 del Consejo Nacional de Salud, y el uso de la información sólo con fines académicos y científicos.

Yo, _____, por medio de _____ fui informado (a) sobre los objetivos de investigación "La participación de las mujeres rurales uruguayas en organizaciones colectivas y las influencias para tu identidad de género" de una manera clara y detallada, y le aclaré mis dudas. Yo sé que en cualquier momento puedo solicitar nueva información y cambiar mi decisión de unirse si lo desea. Declaro que estoy de acuerdo en participar. He recibido una copia original de este formulario de consentimiento y se me dio la oportunidad de leer y aclarar mis dudas.

Nombre del investigador:

Dirección:

Teléfono:

e-mail:

En caso de desacuerdo o irregularidades desde el aspecto ético de esta investigación, se puede entrar en contacto con:

CEP / UFV - Comité de Ética de Investigación en Seres Humanos

Universidad Federal de Viçosa

Edificio Arthur Bernardes, planta baja

Av. PH Rolfs, s / n – Campus

CEP: 36570-900 Viçosa / MG

Teléfono: (+55) 31 3899-2492

E-mail: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

_____, _____ de _____ de 20__.

La firma del participante

La firma del Investigador

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Este cuestionario está siendo utilizado para llevar a cabo una investigación académica sobre la participación de las mujeres rurales en la RedMu y pretende ilustrar la importancia de las organizaciones colectivas como espacio de desarrollo de la mujer. Las informaciones indicadas en este documento serán identificadas con un código para su posterior categorización, por lo tanto, su participación es anónima.

Para cualquier duda o información y escribir a los investigadores:

Ana Louíse: e-mail: louisefiuza@gmail.com

Ighor Oliveira: e-mail: ighor.thadeu@gmail.com

Encuesta Socioeconómica

La encuesta abajo tiene como objetivo conocer sobre su participación en su grupo de pertenencia.

Nombre: _____

Grupo: _____

Teléfono de contacto (opcional): _____

E-mail (opcional): _____

1. Edad: _____

2. Estado Civil:

() Soltero (a)

() Separado (a) / Divorciado (a)

() Casado (a)

() Viudo (a)

() Unión Estable

3. Departamento de origen: _____ y Ciudad de origen: _____

4. En su infancia usted vivía en la región:

() Urbana (ciudad)

() Rural (campo, granja, pueblo agrícola, etc.)

5. La propiedad en que ustedes vivían era:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Propia | <input type="checkbox"/> No tengo ningún recuerdo |
| <input type="checkbox"/> Arrendada | <input type="checkbox"/> Otro _____ |
| <input type="checkbox"/> Vivían en la propiedad del empleador de sus padres | |

6. Señale las personas que vivían con usted y su familia durante su infancia (MUTIPLE OPCIÓN).

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Padre | <input type="checkbox"/> Abuelo paterno |
| <input type="checkbox"/> Abuelo materno | <input type="checkbox"/> Hermana - _____ |
| <input type="checkbox"/> Madre | <input type="checkbox"/> Abuela paterna |
| <input type="checkbox"/> Abuela materna | <input type="checkbox"/> Otro _____ |
| <input type="checkbox"/> Hermano - _____ | |

7. Marcar las actividades en las que sus padres (madre y padre) trabajaron (MUTIPLE OPCIÓN)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Agricultura | <input type="checkbox"/> Otros - Expecifique _____ |
| <input type="checkbox"/> Horticultura | <input type="checkbox"/> Dulces y Compotas |
| <input type="checkbox"/> Lácteos | <input type="checkbox"/> Trabajador Rural / Rural Asalariado |
| <input type="checkbox"/> Frutas | <input type="checkbox"/> Artesanía |
| <input type="checkbox"/> Cereales y granos | <input type="checkbox"/> Corte y costura |

8. ¿Cuál es el grado máximo de la escolarización de su padre?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Educación primaria incompleta | <input type="checkbox"/> Especialización |
| <input type="checkbox"/> Educación primaria completa | <input type="checkbox"/> Maestría |
| <input type="checkbox"/> Educación secundaria incompleta | <input type="checkbox"/> Doctorado |
| <input type="checkbox"/> La escuela secundaria | <input type="checkbox"/> Postdoctoral |
| <input type="checkbox"/> Educación superior incompleta | <input type="checkbox"/> No sé |
| <input type="checkbox"/> Educación superior completa | |

9. ¿Cuál es el máximo nivel de educación de su madre?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Educación primaria incompleta | <input type="checkbox"/> Educación secundaria completa |
| <input type="checkbox"/> Educación primaria completa | <input type="checkbox"/> Educación superior incompleta |
| <input type="checkbox"/> Educación secundaria incompleta | <input type="checkbox"/> Educación superior completa |

- Especialización
- Maestría
- Doctorado
- Postdoctoral
- No sé

10. Con relación a sus estudios, la escuela en la que usted estudió era:

- Escuela Rural
- Escuela Urbana
- Escuela Religiosa
- No asistió a la escuela

11. ¿Cuál es su nivel de educación?

- Educación primaria incompleta
- Educación primaria completa
- Educación secundaria incompleta
- Completado la escuela secundaria
- Educación superior incompleta
- Educación superior completa
- Especialización
- Maestría
- Doctorado

12. En cuanto a la religión, ¿diría que su familia (o la mayor parte de su familiares) es:

- Ateo
 - Usted cree en Dios, pero no sigue ninguna religión
 - Católica
 - Católica no practicante
 - Protestante (evangélica, Bautista, calvinista, luterana, testigo de Jehová)
 - Practicante de la religión afro-brasileña (Umbanda, Candomblé)
 - Budista
 - Musulmana
 - Judía
 - Otra religión. ¿Qué? _____
 - Yo prefiero no decir *
- * En caso de subregistro, saltar a la pregunta de número 21.

13. En relación con su religión, usted es:

- Ateo
- Agnóstico
- Creo en Dios, pero no sigo ninguna religión
- Católica
- Católica no practicante
- Protestante (evangélica, Bautista, calvinista, luterana, los testigos de Jehová o de otro tipo)
- Practicante de la religión afro-brasileña (Umbanda, Candomblé)
- Budista

Musulmana

Tengo otra religión. ¿Qué? _____

Judía

14. ¿Usted recibió alguno tipo de educación religiosa en su infancia?

Sí

No

15. ¿Con qué frecuencia usted vais al culto religioso?

Todos los días

Raras veces o sólo en ocasiones especiales (Navidad, Semana Santa, días santos, etc.)

Hasta 3 veces en la semana

Aproximadamente una vez por semana

Sólo en ceremonias especiales

Aproximadamente una vez cada quince días

(bodas, funerales, etc.)

Nunca

Una vez al mes

16. ¿Con qué frecuencia usted hace sus oraciones?

Más de 3 veces por día

Rara vez o sólo en ocasiones especiales (Navidad, Semana Santa, días santos, etc.)

Hasta 3 veces al día

Una vez al día

Hasta 3 veces a la semana

Sólo en algunas ocasiones (amado su muerte, enfermedad, etc.)

Aproximadamente una vez por semana

Nunca

Una vez al mes

17. ¿Usted practica los preceptos, mandamientos (reglas, rituales, prohibiciones, etc.) de su religión?

Sí, trato de practicar todos los preceptos

Busco practicar la mayoría de los preceptos

Practico sólo aquellos con los que estoy de acuerdo

Practico pocos preceptos

No practico a los preceptos religiosos

18. ¿Cuál es la importancia de la religión en su vida?

- Es lo más importante en mi vida y intento basar todas mis acciones y opiniones
- Es muy importante para mi vida y yo trato de basar la mayor parte de mis acciones y opiniones
- Tienen una importancia relativa para mí, pero no siempre de acuerdo con mis puntos de vista o actitudes
- Tiene poca importancia y poco me baso en él para llevar a mis actitudes o formar mis opiniones
- Tiene importancia en mi vida, pero no baso mis decisiones y opiniones en la religión.
- No es importante y no basan mis opiniones o actitudes en cualquier religión.

19. ¿En su opinión, se debería tener educación religiosa en las escuelas?

- Sí, en todas las escuelas
- Sí, como materia optativa
- Sí, pero sólo en las escuelas de la Fundación religiosas (escuelas de monjas / curas, protestante)
- No
- No tengo ninguna opinión sobre el tema.

20. ¿Usted se basa en la religión para votar en candidatos o partidos políticos?

- Sí, siempre trato de votar por candidatos o partidos que comparten la misma religión que yo.
- Sí, tengo una preferencia por los candidatos o partidos que comparten la misma religión que yo.
- Sí, trato de votar por candidatos o partidos cuyos principios o filosofías se ajustan mi religión.
- Para mí la religión o partido del candidato es indiferente
- No voto por candidatos o partidos por su religión

21. ¿Cuántos hijos tuvo usted en total?

- Ninguno
- Tres
- Más. ¿Cuántos en total? _____
- Uno
- Cuatro
- Dos
- Cinco

22. ¿Quién vive con usted? (SELECCIÓN MÚLTIPLE)

- Padre
- Parientes _____

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Cónyuge | <input type="checkbox"/> Sola |
| <input type="checkbox"/> Amigos _____ | <input type="checkbox"/> Los hijos _____ |
| <input type="checkbox"/> Compañero (a) | <input type="checkbox"/> Los nietos _____ |

23. ¿Usted participa en otra entidad o asociación, además de su grupo? (OPCIÓN MÚLTIPLE)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Asociación de vecinos o residentes | <input type="checkbox"/> Organización no gubernamental |
| <input type="checkbox"/> Asociación o movimientos vinculados a la lucha de las minorías (especifique): _____ | <input type="checkbox"/> Grupo de la danza, la música o el teatro |
| <input type="checkbox"/> Negro | <input type="checkbox"/> Iglesias Católicas |
| <input type="checkbox"/> Mujeres | <input type="checkbox"/> Iglesias Evangélicas |
| <input type="checkbox"/> Homosexuales | <input type="checkbox"/> Cultos afro-brasileña (Umbanda, Candomblé) |
| <input type="checkbox"/> Personas sin hogar | <input type="checkbox"/> Otro grupo religioso. ¿Qué? _____ |
| <input type="checkbox"/> Asociación Pastoral o eclesial | <input type="checkbox"/> Otros tipos de asociaciones o entidades. ¿Qué? _____ |
| <input type="checkbox"/> Asociación de padres y profesores | <input type="checkbox"/> No participo. |
| <input type="checkbox"/> Sindicatos | |
| <input type="checkbox"/> Partido o asociación política | |

24. ¿Usted participa en alguna de estas actividades? (OPCIÓN MÚLTIPLE)

- Voleibol, natación, yoga o otras actividades físicas
- Las actividades artísticas o culturales (teatro, danza, actividades de circo, artes musicales, literatura, artes, artes visuales, etc.)
- Otra actividad recreativa. ¿Cuál? _____
- No participo.

25. ¿Usted hace cualquier tipo de servicio de asistencia, ayuda financiera o trabajo voluntario? (OPCIÓN MÚLTIPLE)

- Sí, a las organizaciones benéficas
- Sí, las organizaciones benéficas que atienden a los niños con cáncer, VIH o discapacidades
- Sí, guarderías, orfanatos y / o residencias de ancianos
- Sí, las iniciativas de la comunidad y las asociaciones religiosas

- () Sí, en conjunto con la iniciativa privada
- () Sí, junto con las organizaciones no gubernamentales. Citar: _____
- () Sí, hospitales
- () Sí, sí: _____
- () No

26. Si marcó "Sí" a la pregunta anterior, ¿qué tipo de ayuda usted hace? (OPCIÓN MÚLTIPLE)

- () La asistencia financiera;
- () Las donaciones de alimentos, ropa, juguetes, útiles escolares, artículos de higiene, etc.
- () El trabajo voluntario, servicio a la comunidad;
- () Otros: (especifique) _____

27. ¿Con qué frecuencia usted tiene acceso a estos medios de información?

| | diario | casi a diario | A veces | rara vez | siempre |
|------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| periódicos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| revistas | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Televisión | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Internet | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Libros | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Radio | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

28. ¿Con qué frecuencia usted realiza las actividades recreativas que figuran abajo?

| | Semanal | Al menos una vez por mes | Al menos 1 vez al año | Menos de 1 vez al año | siempre |
|------------------------------------|-----------------------|---------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------|
| Viajes | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ir al cine | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ir al teatro | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ir al museo | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ir al parque | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Viendo espectáculos/ conciertos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ir bares/clubes | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

29. ¿Usted es miembro de alguno partido político?

- Sí
- No
- No Importa

30. ¿Tiene alguno partido político de su preferencia?

- Sí
- No

31. ¿Qué papel tiene la política en su vida?

- Es muy importante y yo trato de hablar de política con mis conocidos
- Es importante y yo trabajo activamente en la política
- No me importo acerca de la política, o no suelo hablar de política
- No me interesa, no entiendo o no me gusta la política

Otros: _____

32. En su opinión, la participación de las mujeres en la sociedad...

- Es débil y no hay cambio de perspectiva
- Todavía es débil, pero ha mejorado mucho en los últimos años
- Es buena y no necesita de muchos cambios
- No tengo una opinión sobre el tema

33. ¿Se identifica preconcepto contra las mujeres en la sociedad?

- Sí mucho
- Si un poco
- No

En caso afirmativo, especifique: _____

34. ¿Alguna vez ha sufrido ningún tipo de prejuicio por ser mujer?

- Sí En caso afirmativo, especifique:
- No _____
- Prefiero no decir

35. ¿Cuál es su opinión sobre el uso de métodos anticonceptivos?

- Estoy totalmente de acuerdo
- Para mí es indiferente

Estoy totalmente en desacuerdo

36. ¿Cuál de estos métodos anticonceptivos está de acuerdo?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Preservativo (condón) | <input type="checkbox"/> Tubos de trompas |
| <input type="checkbox"/> Píldora anticonceptiva | <input type="checkbox"/> La vasectomía |
| <input type="checkbox"/> DIU (dispositivo intrauterino) | <input type="checkbox"/> Todos Ellos |
| <input type="checkbox"/> Diafragma | <input type="checkbox"/> Ninguno de ellos |
| <input type="checkbox"/> Píldora anticonceptiva de emergencia | |

37. ¿Cuál es su opinión acerca de la legalización del aborto?

- Estoy totalmente de acuerdo
- Estoy de acuerdo en algunos casos
- Para mí es indiferente
- Estoy totalmente en desacuerdo

38. ¿Cuál es su opinión acerca de la legalización del consumo de marihuana?

- Estoy totalmente de acuerdo
- Para mí es indiferente
- Estoy totalmente en desacuerdo

39. ¿Cuál es su opinión sobre la unión civil de personas del mismo sexo?

- Estoy totalmente de acuerdo
- Estoy totalmente en desacuerdo
- Para mí es indiferente

40. ¿Usted cree que las formas de preconcepción contra la orientación sexual en Uruguay son ...

- Ellos son todavía muy fuertes y frecuentes, y no va a cambiar
- No hay perjuicio
- No tengo una opinión acerca

41. ¿Cuál es la actividad que elegiría como su ocupación principal? _____

42. ¿Cuál es el control que usted siente que tiene para tomar las decisiones que afectan sus actividades diarias?

- Ningún control
- El control de muy pocas decisiones
- El control sobre la mayoría de las decisiones
- El control sobre todas las decisiones

43. ¿Por cuánto tiempo participa en su grupo? _____

44. ¿Cómo describiría su participación en las reuniones de su grupo?

- Muy activa
- Relativamente activa
- No participo

45. ¿Cómo describiría su participación en las actividades diarias de su grupo?

- Muy activa
- Relativamente activa
- No participo

46. ¿Cómo describiría su participación en la toma de decisiones de su grupo?

- Muy activa
- Relativamente activa
- No participo

47. En su grupo, usted ocupa alguno puesto administrativo?

- Sí _____
- No

48. ¿Cuántos días (aproximadamente) usted dedicó a las actividades relacionadas con la RedMu y a su grupo asociativo año pasado? _____

49. ¿Cuál es el mayor beneficio de ser parte de su grupo?

- La mejora del acceso a los servicios
- Un mayor acceso a la información, cursos y formación

- El trabajo para la comunidad
- Placer
- Espiritual, la condición social, la autoestima
- Mejoramiento de Ingresos
- Otros (especificar) _____

50. ¿Cuál es el mayor beneficio en unirse RedMu?

- La mejora del acceso a los servicios
- Un mayor acceso a la información, cursos y formación
- El trabajo para la comunidad
- Placer
- Espiritual, la condición social, la autoestima
- Mejoramiento de Ingresos
- Otros (especificar) _____

51. ¿Cuáles actividades la RedMu ayuda su grupo a tener acceso?

- La educación o la formación
- Conferencias y debates
- Servicios de Salud
- Mejorar los ingresos
- Otros: _____

52. ¿ Con cuáles de los grupos abajo usted tiene contacto (amistad, parecería etc.)?

- MARLEF – Mujeres del Area Rural de Lechera de Florida
- Grupo Go y Sa de Goni y Sarandí
- Mujeres del Area Rural de San José
- Grupo por un futuro
- Capalgui Cooperativa Artesanal
- Grupo Gardel
- Grupo Pedernal
- Grupo Tapia
- Grupo MUCACHI, Canelón Chico
- Grupo MUCATRA
- Grupo MTEA, Totoral del Sauce
- Grupo Las manos que hablan
- Grupo Ceibocoop
- Grupo MURUMI
- Grupo Manos del Uruguai
- Grupo Mujeres Rurales de San Ramón
- Grupo Manos de Totoral
- Grupo Milenrama

53. Tiene jubilación?

- Sí

No

54. ¿ Tiene ingresos propios?

Sí

No

55. ¿Cuál es su ingreso mensual promedio?_____

56. ¿Cuál es su participación en la vida económica de su grupo familiar?

Trabajo y apoyo parcialmente a mi familia y/u otras personas

Trabajo y soy responsable de mi propio sustento

Trabajo y soy responsable por mi propia vida y contribuyo en parte a los ingresos de la familia

Trabajo y soy el principal responsable de lo sustento de la familia

No tengo renda y tengo el apoyo de mi familia o otras personas

Otra situación

57. ¿Cuántas personas (contando con usted) contribuyen a los ingresos de su familia?_____

58. ¿Cuántas personas (contando con usted) viven con los ingresos de su familia?

59. ¿Cuál de los bienes materiales siguientes fueron adquiridos con la participación de sus propios ingresos? (OPCIÓN MÚLTIPLE).

Estéreo para el hogar

Lavadora

TV

Congelador

Refrigerador

DVD

Computador (micro, laptop o notebook)

Teléfono fijo

Teléfono celular

- Automóvil
- Casa
- Motocicleta

APÊNDICE C – FOTOS PESQUISA DE CAMPO



FOTO 1 - Apresentação grupo Milenrama - La Paloma



FOTO 2 - Encontro com grupo Ceibocoop em Paso de la Cadena



FOTO 3 - Feira da Festa da semente crioula - La Paloma



FOTO 4 - Festa da semente crioula - La Paloma



FOTO 5 – Mercado de Cercanías- Atlántida



FOTO 6 - Mercado de Cercanías- - Atlántida



FOTO 7 - Oficina sobre o papel da mulher rural - San Jacinto